

MEU TAQUARAL

UMA CARTOGRAFIA AFETIVA COM MULHERES DA
PERIFERIA DE OURO PRETO/MG





UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



Samara Luísa Ribeiro

MEU TAQUARAL
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA COM MULHERES DA PERIFERIA DE OURO PRETO/MG

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador/a: Prof^a Dr^a Flora d'El Rei Passos Lopes

Coorientador/a: Marcela Rosenburg Figueiredo

OURO PRETO
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Samara Luísa Ribeiro

Meu Taquaral: uma cartografia afetiva com mulheres da periferia de Ouro Preto/MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura em Urbanismo

Aprovado em 04 de setembro de 2026.

Membros da banca

Profa. Dra. Flora d'El Rei Lopes Passos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Msc. Marcela Rosemburg Figueiredo - Coorientadora - Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Dr. Rodrigo da Cunha Nogueira - Universidade Federal de Ouro Preto
Msc. Sibele Passos - Arquiteta e Urbanista do Museu da Inconfidência

Flora d'El Rei Lopes Passos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/02/2026.

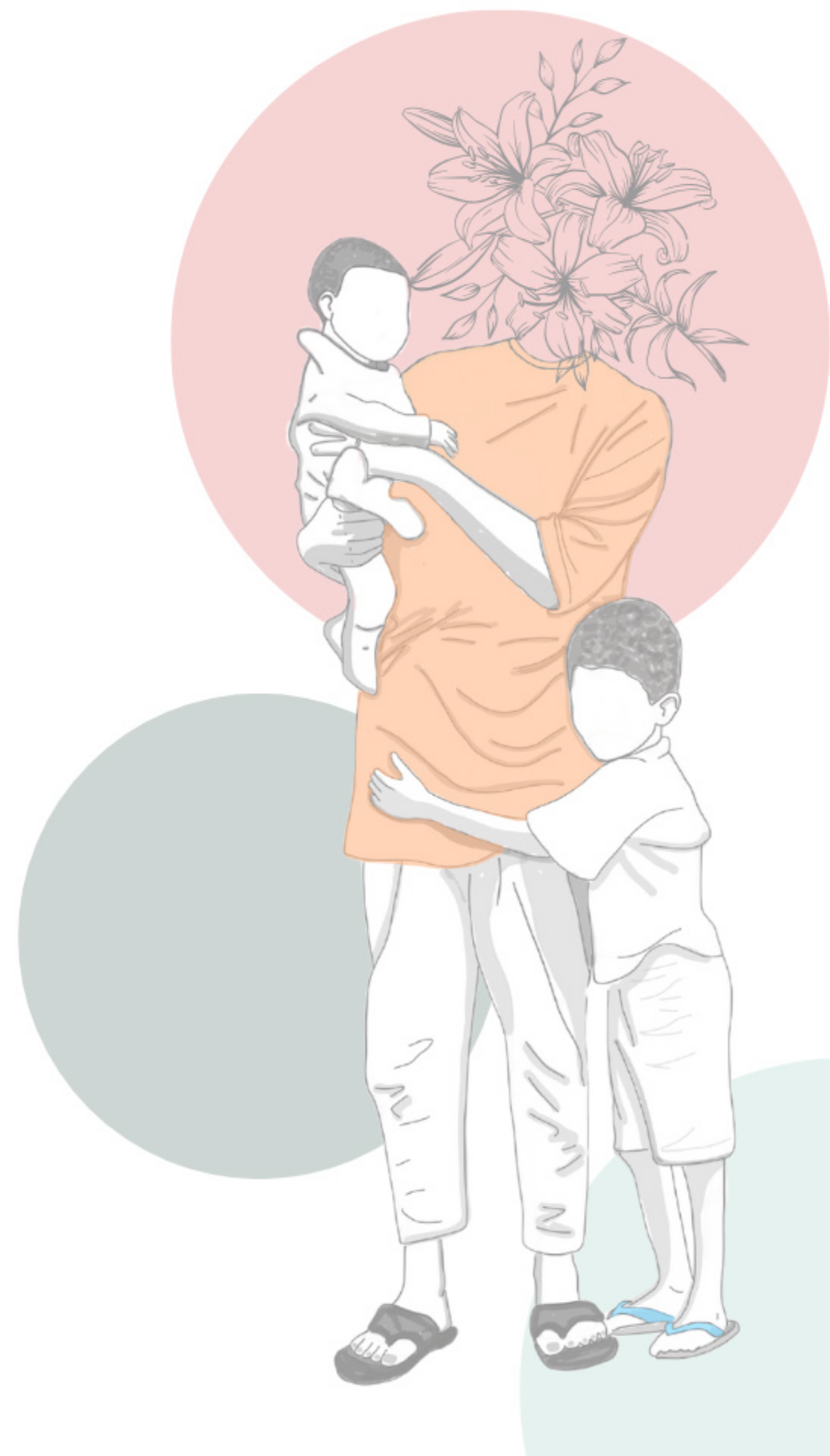


Documento assinado eletronicamente por **Flora Del Rei Lopes Passos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/02/2026, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1052993** e o código CRC **F0C47DA1**.

Com todo o meu respeito e gratidão, às mulheres do Taquaral que me confiaram suas histórias, tornando possível este trabalho



RESUMO

O presente trabalho tem como foco o bairro Taquaral, em Ouro Preto/MG, e busca compreender sua trajetória a partir das memórias e narrativas de mulheres trabalhadoras que ali residem. A pesquisa parte da hipótese de que a história do bairro não pode ser reduzida apenas aos registros oficiais, mas que se constrói também pelas experiências cotidianas e pelas vozes de suas moradoras, revelando camadas de resistência e de luta que permanecem invisibilizadas. Para isso, foi utilizada uma metodologia baseada em entrevistas semiestruturadas, cartografias afetivas e registros visuais, que permitiram a construção de um olhar de dentro do bairro. O estudo dialoga com o conceito de escrevivência (Evaristo, 2008) e com a cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), além de outras reflexões que ajudam a situar o Taquaral dentro de processos mais amplos de desigualdade urbana e de resistência comunitária. A pesquisa se justifica pelo papel histórico e social do Taquaral, um bairro que, apesar de estar na cidade patrimônio mundial, ainda enfrenta precariedades em serviços básicos, risco geológico e ausência de investimentos públicos. Ao mesmo tempo, revela a força da comunidade, especialmente das mulheres, que reinventam cotidianamente a vida no bairro e garantem sua permanência. Com isso, pretende-se contribuir para a valorização da história do Taquaral, registrando as narrativas de suas moradoras como parte fundamental da memória de Ouro Preto e reforçando a importância de se olhar para além do centro histórico, reconhecendo os territórios periféricos como parte essencial da cidade.

Palavras-chave: Taquaral, Ouro Preto, Mulheres, Memória, Periferia, Escrevivência, Cartografia

ABSTRACT

This research focuses on the Taquaral neighborhood, in Ouro Preto/MG, and seeks to understand its trajectory through the memories and narratives of working women who live there. The study starts from the hypothesis that the history of the neighborhood cannot be reduced to official records, but is also built through everyday experiences and the voices of its residents, revealing layers of resistance and struggle that often remain invisible. The methodology combined semi-structured interviews, affective cartographies, and visual records, which allowed for the construction of an insider's perspective of the neighborhood. The study engages with the concept of *escrevivência* (Evaristo, 2008) and cartography (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), in addition to other reflections that help situate Taquaral within broader processes of urban inequality and community resistance. The research is justified by the historical and social role of Taquaral, a neighborhood that, despite being part of a World Heritage city, still faces precarious access to basic services, geological risks, and lack of public investment. At the same time, it highlights the strength of the community, especially the women, who reinvent everyday life and ensure the permanence of the neighborhood. Thus, this work seeks to contribute to the recognition of Taquaral's history, registering the narratives of its residents as a fundamental part of Ouro Preto's memory and reinforcing the importance of looking beyond the historic center, acknowledging peripheral territories as essential to the city.

Keywords: Taquaral. Ouro Preto. Women. Memory. Periphery. *Escrevivência*. Cartography.

SÚMARIO

1. Introdução	08
2. A voz das mulheres como caminho metodológico	10
2.1 Sobre a linguagem usada neste trabalho	11
2.2 O nome das entrevistadas	11
2.3 Escrevivência	12
3. A história encontrada nos registros	13
3.1 Capela Bom Jesus das Flores	13
3.2 Chafariz das Águas Ferras	14
4. Fora do mapa: histórias invisibilizadas do Taquaral	16
5. Meu Taquaral	19
6. Cartografia	23
7. Camadas que se repetem	47
8. Considerações finais	49
9. Referências bibliográficas	50



A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos

Conceição Evaristo (2020, p. 54)

01 | INTRODUÇÃO

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas (Evaristo, 2020, p. 49).

Pego emprestado as palavras da mulher negra e escritora Conceição Evaristo, para registrar neste trabalho minhas próprias “escrevivências”. As minhas, da minha mãe e de outras mulheres trabalhadoras com as quais convivi.

Em 1994, meus pais, Antomar e Solimar, se mudaram para o Taquaral, um bairro situado na Serra de Ouro Preto, em área periférica do distrito sede do município de Ouro Preto, Minas Gerais. Quando chegaram, eram jovens, tinham dois filhos e muitos planos. A foto que introduz este trabalho foi tirada um ano depois da nossa chegada. Estou sentada na janela da casa construída por eles, com apenas um ano. A autoconstrução é a realidade da maior parte da população que habita as cidades no Brasil... mas vou falar disso depois.

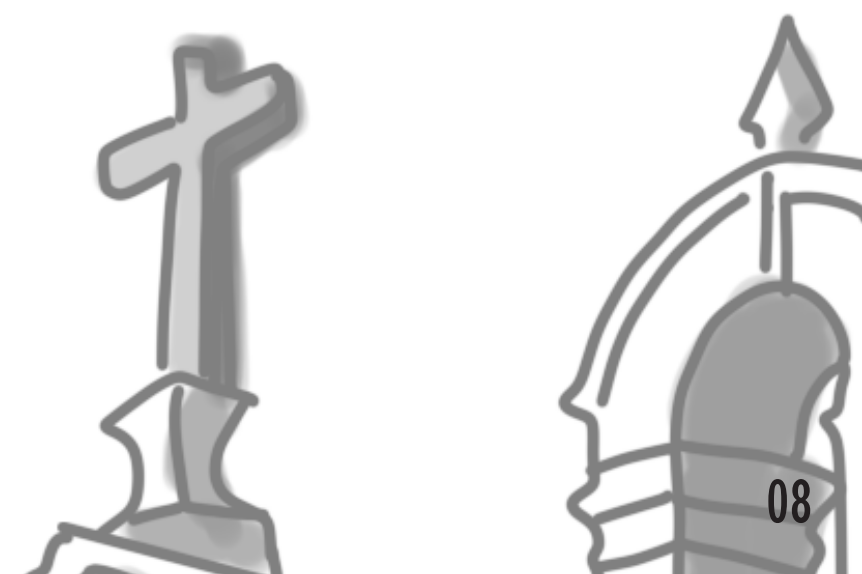
Morei no Taquaral praticamente toda a minha vida, não apenas durante a graduação. Por isso intitulei este trabalho “Meu Taquaral”. As ruas, as casas e os demais espaços deste bairro que conheço desde criança, guardam memórias que me formaram e fazem parte da minha história pessoal. Cada canto do bairro me remete a momentos e experiências compartilhadas com minha família, amigas e amigos, vizinhas e vizinhos. Minha trajetória acadêmica foi e é influenciada pelas vivências que tive no bairro, e, assim, sinto que no trabalho final da graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), eu não poderia contar uma história mais verdadeira e significativa do que aquela do lugar que tanto influenciou na minha formação. Mas, como contar a(s) história(s) do meu bairro? Do Meu Taquaral?

No estudo das pedras e das árvores, existem jeitos muito interessantes de entender o tempo e a história. A estratigrafia, por exemplo, é uma área da geologia que analisa as camadas do solo e das rochas. Cada camada, chamada de estrato, guarda sinais do passado: fósseis, restos de plantas, minerais... tudo isso fica lá embaixo como se fosse um livro contando as mudanças que aconteceram no mundo.

Já os anéis das árvores, que a gente consegue ver quando cortam o tronco, também contam histórias. A ciência que estuda isso se chama dendrocronologia. Esses anéis mostram como foi o crescimento da árvore em cada ano. Tem até outras áreas que usam essa ideia: a dendroclimatologia, que vê como o clima mudou com o tempo, e a dendroecologia, que estuda como coisas como a poluição e os desastres naturais afetam as árvores. Essas marcas são como memórias. Elas mostram o que aconteceu, mesmo que ninguém tenha contado em voz alta.

As cidades também têm suas camadas, igual às pedras e às árvores. Em Ouro Preto, por exemplo, todo mundo conhece a parte antiga, com as igrejas e casarões coloniais. Essa é a história que aparece nos livros, nas placas de patrimônio, nos roteiros turísticos. Mas existe outra história, que nem sempre é contada: a história das pessoas que vivem nas margens, como o Taquaral. Mais do que ver as construções antigas, me interessa pensar nos espaços a partir das memórias das pessoas que moram neles, especialmente das mulheres. Porque os espaços também moldam as histórias de vida, do mesmo jeito que as pessoas transformam os lugares onde vivem.

É por isso que, neste trabalho, eu quero mostrar as memórias do bairro Taquaral como camadas vivas da cidade. Quero contar a história a partir das falas das mulheres que moram lá e que constroem o bairro todos os dias. Essas memórias revelam uma história que nem sempre aparece nos registros oficiais, mas que é fundamental para entender o que é viver nesse lugar.



São relatos que mostram como a vida no bairro tem suas dificuldades, mas também tem muita força, união e resistência. É um jeito de olhar de perto e de dentro, como diz o professor José Guilherme Magnani (2002), que fala sobre a importância de conhecer um lugar vivendo junto com as pessoas, escutando e sentindo com elas.

O Taquaral é um bairro onde, em sua maioria, vivem pessoas negras e de baixa renda. Essa realidade mostra como a cidade também carrega desigualdades e discriminações, que se repetem em muitos bairros periféricos do Brasil. Ao conversar com as moradoras do Taquaral, é comum ouvir que elas se sentem esquecidas pelo poder público, como se o bairro tivesse sido deixado de lado. Essa sensação de abandono aparece na falta de infraestrutura, nos serviços que não chegam e nas dificuldades do dia a dia. Por isso, este trabalho tem dois objetivos principais. O primeiro é entender como as experiências das mulheres do Taquaral ajudam a construir o bairro e também a cidade de Ouro Preto. O segundo é investigar como a falta de investimentos em coisas básicas, como água, luz, ruas seguras e espaços públicos afeta a vida dessas mulheres que trabalham, cuidam e sustentam suas casas e suas famílias.

Mesmo com todos esses problemas, este trabalho não quer mostrar o Taquaral só pelas suas dificuldades. É importante falar das lutas, sim, mas também é essencial destacar a força das mulheres que vivem ali. As mulheres do Taquaral não ficam só esperando as coisas melhorarem, elas fazem o bairro acontecer todos os dias. São elas que, com muita coragem, enfrentam os desafios e ajudam a construir a vida da comunidade.

As histórias que escutei mostram que essas mulheres são parte fundamental da história do bairro. Elas são protagonistas, ajudam a moldar a identidade do Taquaral e estão sempre buscando melhorias para todo mundo. Por isso, reconhecer o papel dessas mulheres é também valorizar a verdadeira força que sustenta o bairro.

Eu mesma nasci e cresci no Taquaral, e é isso que move essa pesquisa. Falar das dificuldades do bairro é, também, contar a minha própria história. A falta de creche, de escola, de posto de saúde, de lugar para brincar, tudo isso já afetou a minha família. Essas experiências me fizeram entender ainda mais os desafios que as pessoas enfrentam ali. E é por isso que esse trabalho vai além de um simples estudo acadêmico: ele é também um compromisso com o bairro e com quem vive nele.



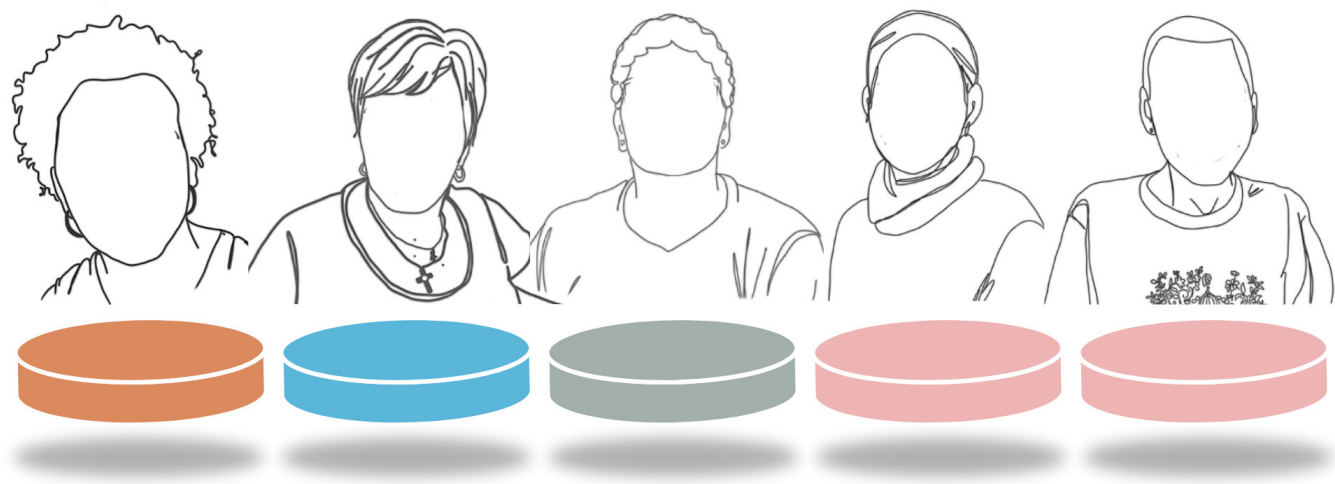
02

A VOZ DAS MULHERES COMO CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como ponto de partida a escuta das vozes das mulheres trabalhadoras e moradoras do bairro Taquaral. O objetivo foi construir um caminho de pesquisa que partisse do cotidiano, das experiências e das memórias dessas mulheres que, além de fazerem parte da comunidade, são também suas construtoras.

Para isso, em um primeiro momento, elaborei uma lista com nomes de mulheres que vivem no bairro e com as quais eu já tinha algum tipo de vínculo ou afinidade. A ideia era garantir que esse processo de escuta acontecesse em um ambiente de confiança, acolhimento e respeito. Acredito que quando há afeto envolvido, as histórias fluem de um jeito mais sincero e profundo. Foram selecionadas, inicialmente, quinze mulheres que compõem o Quadro 1 a seguir.

Figura 01: Entrevistadas



Fonte: Desenho autoral

Quadro 1: Listagem de moradoras do Taquaral para as entrevistas

MULHERES	TRABALHO ATUAL	LOCAL E DATA DA ENTREVISTA
Senhora Visionária	Câmara Municipal	11/09/24 Casa da S. Visionária
P	Hotelaria	-
DL	Cozinheira	-
Dedicada	Cozinheira	17/09/24 Casa da Dedicada
MLN	Dona de Casa	-
Dona Inabalável	Dona de Casa	17/09/24 Casa da D. Inabalável
A	Serviços Gerais	-
MRT	Cozinheira	-
S	Cozinheira	-
L	Salgadeira	-
Dona Coragem	Dona de Casa	18/09/24 Casa da D. Resiliência
C	Auxiliar Administrativo	-
G	Doméstica	-
A	Costureira	-
Dona Resiliência	Dona de Casa	18/09/24 Casa da D. Resiliência

MULHERES ENTREVISTADAS

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Em um segundo momento, preparei um roteiro de entrevista semiestruturado, acompanhado por um mapa e alguns pictogramas que ajudaram a guiar a conversa. As perguntas traziam temas como:

- História de chegada ao Taquaral: As participantes relataram como e quando se estabeleceram no bairro. Um pictograma de casa foi colado para marcar o ponto de chegada.
- Modificação nas residências: Perguntei se suas casas mudara construtivamente desde a chegada no bairro.
- Condições do bairro: As participantes descreveram como era o bairro ao chegar e como é hoje. Foram utilizadas cores diferentes para representar os diferentes tipos de pavimentação das ruas. Além disso, a infraestrutura existente– como água encanada, esgoto, iluminação pública, coleta de lixo, entre outros – foi representada através de pictogramas.

- Caracterização da família: As participantes enumeram os membros de seu núcleo familiar. Através de pictogramas, as mulheres identificavam as pessoas que pertenciam às suas famílias.
- Crescimento e desenvolvimento do bairro: Elas foram questionadas sobre quando perceberam um crescimento significativo no Taquaral e quais foram os agentes responsáveis por essas mudanças.
- Locais de interesse: As mulheres indicaram lugares do bairro que mostrariam a alguém que as visitasse através de um pictograma.
- Experiência de trabalho: Perguntamos sobre suas ocupações e com conciliavam o trabalho fora de casa com o trabalho dentro de casa.
- Deslocamentos: As participantes descreveram como se deslocavam para fora do bairro, em direção aos outros bairros de Ouro Preto. Pictogramas de diferentes meios de transporte foram colados para indicar a modalidade utilizada.
- Sentimentos em relação ao Taquaral: Perguntamos como se sentiam em relação ao bairro. Pictogramas que representavam emoções foram disponibilizados e colados de acordo com as respostas.
- Relação com Ouro Preto: As mulheres compartilharam suas percepções sobre sua presença em outras partes da cidade e se sentiam parte dela.

Um mapa do Taquaral, impresso em tamanho grande (A3) e com algumas informações principais, foi usado para ajudar nas conversas. Ele serviu como ponto de partida para que as mulheres pudessem lembrar e contar histórias sobre as mudanças no bairro e as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos. Junto com o mapa, usei pictogramas, que são pequenos desenhos que representam coisas do dia a dia, como casa, igreja, escola, perigo, lembrança. Esses desenhos estavam em forma de adesivo e foram sendo colados no mapa conforme as histórias iam sendo contadas, ajudando a mostrar onde cada coisa aconteceu.

É importante destacar que, antes da presença dessas mulheres, o Taquaral já existia, sendo um bairro-chave na formação de Ouro Preto, uma cidade centenária. Com as cartografias feitas durante as entrevistas, a história oficial desse bairro, que tem séculos de existência, se mistura com as histórias de vida, de luta e de resistência de cada entrevistada. Neste texto, elas serão chamadas de Dona Coragem, Dona Resiliência, Dona Inabalável, Dedicada e Senhora Visionária. As narrativas dessas mulheres não são apenas relatos pessoais. Elas fazem parte da história do Taquaral e ajudam a construir uma forma de olhar para o bairro que seja mais justa, mais verdadeira e mais completa.

As perguntas sobre as condições básicas do bairro ajudaram a mostrar de forma clara como o Taquaral foi mudando com o tempo. As moradoras falaram sobre a chegada da água encanada, do esgoto e do calçamento nas ruas. Com as respostas organizadas, foi possível perceber o que ainda falta no bairro. Muitas mulheres contaram experiências parecidas. Esses relatos mostram uma realidade que também acontece em outras periferias do Brasil, inclusive em Ouro Preto, cidade histórica e considerada patrimônio mundial.

As respostas foram registradas e analisadas para entender o que se repete e como as mulheres vivem o dia a dia no bairro. Além das perguntas que já tinham sido planejadas, durante as entrevistas, as mulheres acabaram revelando várias potências do bairro, muitas das quais nem eu, que sou moradora, sabia. Como cada entrevistada chegou ao bairro em momentos distintos, foi possível construir uma espécie de “linha do tempo”, permitindo observar a evolução e as transformações do bairro através das experiências dessas mulheres.

A linguagem utilizada neste trabalho

A linguagem adotada neste trabalho foi escolhida de forma consciente e proposital. Optei por uma escrita simples, direta e afetiva, com palavras acessíveis às pessoas que vivem no bairro Taquaral, sem abrir mão do rigor acadêmico necessário. Isso porque este trabalho não se limita a ser um TFG: ele também funciona como um registro das memórias do bairro e uma forma de dar visibilidade às histórias que, muitas vezes, são invisibilizadas nas narrativas oficiais da cidade. Desejo que as mulheres que compartilharam suas experiências possam se reconhecer no texto, compreender cada linha e se sentir parte ativa dessa construção coletiva. Afinal, o conhecimento nasce do cotidiano, da vivência e da escuta atenta, e a linguagem aqui busca justamente abraçar, incluir e valorizar essas vozes.

O nome das entrevistadas

O nome das entrevistadas foram alterados para preservar a identidade de cada uma. Mais do que uma postura respeitosa, a escolha de cada nome foi feita a partir do meu contato e convivência com essas mulheres, como uma forma de nomear também o jeito como as vejo e como reconheço a luta de cada uma. Para mim, Dona Coragem, Dona Resiliência, Dona Inabalável, Dedicada e Senhora Visionária são exemplos de vida, e por isso cada nome foi escolhido de maneira única e carregada de significado.

Escrevivência

Escrevivência é uma palavra criada pela escritora e professora Conceição Evaristo. Ela junta as palavras “escrever”, “viver” e “se ver” para mostrar que o que a gente escreve vem da nossa vida, das nossas experiências e do jeito que a gente se enxerga no mundo.

Antes de continuar, quero explicar uma palavra importante: epistemologia. Essa palavra difícil quer dizer o estudo de como a gente conhece as coisas, de onde vem o nosso conhecimento e o que é que vale como “verdade”. Muitas vezes, o que as escolas e universidades ensinam é só um tipo de conhecimento, que vem de estudos e pesquisas formais, muitas vezes feitas em outros lugares, longe da realidade de quem mora na periferia ou nas comunidades negras.

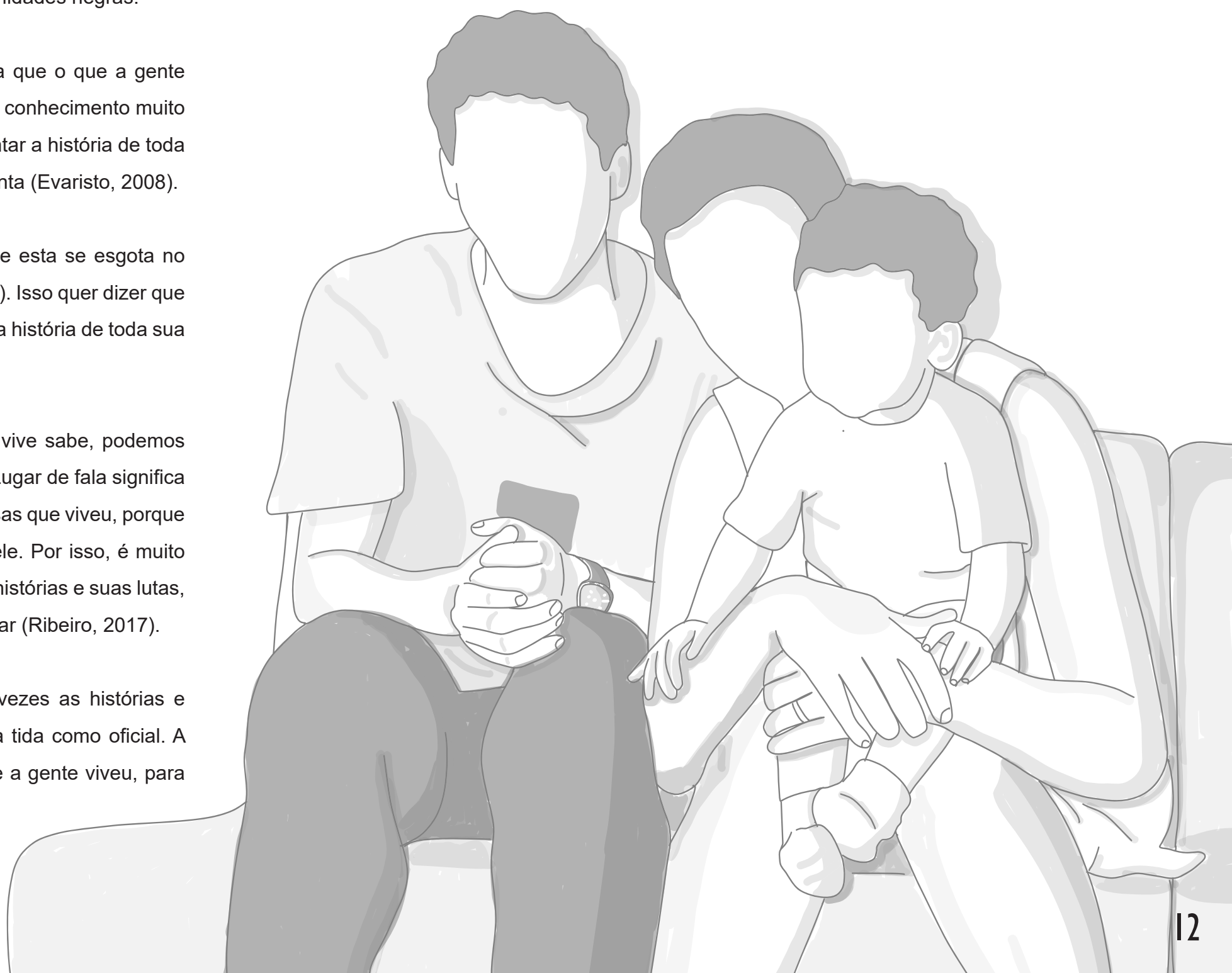
A escrevivência é uma forma diferente de conhecer o mundo. Ela mostra que o que a gente vive, as histórias que as pessoas negras contam sobre suas vidas, são um conhecimento muito importante e verdadeiro. Não é só um jeito de falar de si mesmo, mas é contar a história de toda a comunidade, das lutas, das alegrias e das dificuldades que a gente enfrenta (Evaristo, 2008).

Conceição Evaristo diz que “a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo, 2008, p. 74). Isso quer dizer que quando uma mulher negra escreve sua história, ela está também contando a história de toda sua família, do seu bairro e do seu povo.

Para entender melhor a importância de contar as histórias que só quem vive sabe, podemos pensar no conceito de “lugar de fala”, trazido pela filósofa Djamila Ribeiro. Lugar de fala significa que cada pessoa tem o direito de falar sobre sua própria vida e sobre as coisas que viveu, porque ninguém entende melhor essas experiências do que quem as viveu na pele. Por isso, é muito importante escutar as mulheres do Taquaral quando elas falam sobre suas histórias e suas lutas, pois elas têm a autoridade para contar o que é realmente viver naquele lugar (Ribeiro, 2017).

Essa forma de escrever e conhecer é muito importante porque muitas vezes as histórias e memórias das pessoas negras são esquecidas ou ignoradas pela história tida como oficial. A escrevivência é uma forma de resistir, de mostrar quem a gente é e o que a gente viveu, para que essas histórias não sejam apagadas (Evaristo, 2008).

Mas é importante lembrar: o conhecimento através das escrevivências não é contrário ou inferior ao conhecimento científico, são diferentes, mas igualmente verdadeiros e importantes. Uma forma pode inclusive alimentar a outra.



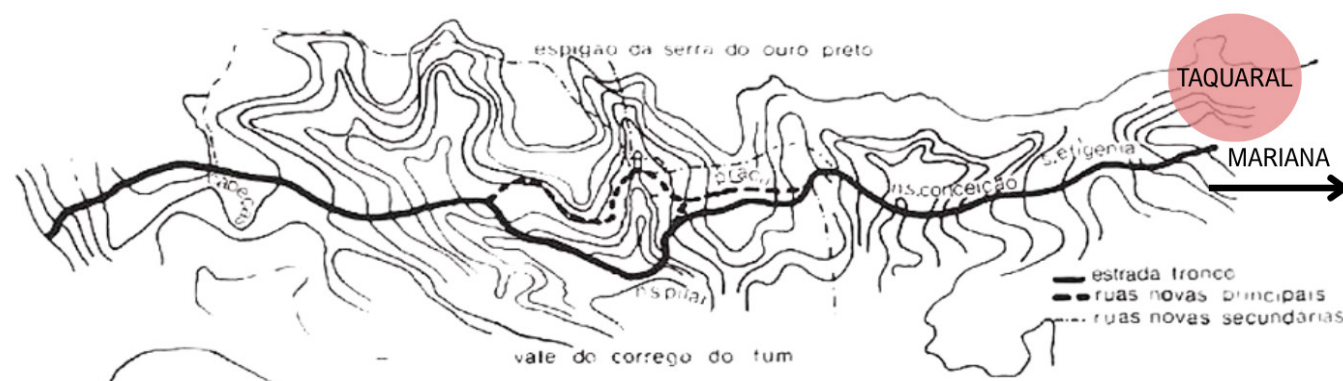
03 A HISTÓRIA ENCONTRADA NOS REGISTROS

O bairro Taquaral, em Ouro Preto, Minas Gerais, faz parte de um território que carrega marcas do período colonial. A região foi atravessada por caminhos abertos a partir dos passos de bandeirantes, tropeiros e mineradores que buscavam o ouro nas minas recém-descobertas. Um desses caminhos, que mais tarde ficou conhecido como Caminho Tronco, conectava diferentes arraiais e ajudava a escoar o ouro até os portos da colônia. Anos depois, o arquiteto e urbanista Sylvio de Vasconcellos foi quem deu nome e sentido a esse traçado, analisando como ele influenciou diretamente a formação urbana de Ouro Preto. Seu olhar revelou a importância desses percursos espontâneos na organização do território, incluindo áreas como o Taquaral.

Dentre todos os vários caminhos, um é o mais importante, mais transitado, por assim dizer, a estrada tronco. Entra na vila e vai direto à Matriz do Pilar, de onde se endireita para a Matriz de Antônio Dias, saindo por Sta. Efigênia.

(Vasconcellos, 2011, p. 71)

Figura 02: Estrada tronco na serra de Ouro Preto



Fonte: VASCONCELLOS, 1956, p.73. Com modificações feitas pela autora

Capela Bom Jesus das Flores

De acordo com a arquiteta Cláudia Damasceno Fonseca, o arraial de Taquaral era o arraial localizado na parte mais a leste entre os muitos arraiais que se espalhavam pela Serra de Ouro Preto nos primeiros tempos do povoamento, participando desde cedo da vida urbana em formação da região.

A Capela do Bom Jesus das Flores, conhecida como Capela do Taquaral, reforça essa presença histórica. A primeira capela que existiu ali foi feita de taipa e dedicada a Nossa Senhora do Pilar, como uma extensão da freguesia de Antônio Dias. Mais tarde, em 28 de outubro de 1748, os moradores conseguiram uma autorização para construir a capela de alvenaria, que foi abençoada no ano seguinte, em 2 de novembro de 1749.

A troca da devoção para Bom Jesus das Flores só aconteceu na segunda metade do século XIX. A estrutura da capela lembra outras da região, como as do Morro da Queimada: tem uma nave, capela-mor, sacristia lateral, uma porta central, duas janelas no coro e torres com arcos em cima. Mas a do Taquaral tem também detalhes que a diferenciam, como o nicho com moldura sobre a porta principal e um óculo envidraçado com desenho delicado. No alto, uma cruz sobre pedestal completa a fachada.

Figura 03: Capela Bom Jesus das Flores



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Na reforma feita nos anos 1970, foi descoberto que, por baixo de uma pintura feita em 1930, ainda existiam pinturas mais antigas nos forros da nave e da capela-mor. Essas pinturas mostram as padroeiras das duas freguesias de Ouro Preto: Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição. A restauração que foi feita recuperou essas pinturas e é considerada uma das mais bem sucedidas de Minas Gerais.

Chafariz das Águas Férreas

O Chafariz das Águas Férreas, também chamado Chafariz do Taquaral, é um dos patrimônios históricos mais importantes do bairro. Sua construção remonta ao início do século XIX, funcionando como ponto de abastecimento de água para os moradores (LOURENÇO, 2022). O monumento é simples em sua forma, com uma única bica sem carranca e adornos em cantaria, e tornou-se conhecido por verter água ferruginosa, considerada benéfica para a saúde. Antes mesmo de sua construção formal, a fonte já despertava curiosidade entre os habitantes, e relatos populares narram crenças sobre as propriedades terapêuticas da água. Tombado em 1938 como parte do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto, o chafariz sofreu danos durante as obras da estrada Ouro Preto–Mariana, iniciadas em 1960 pelo DER (Departamento de Estradas de Rodagem), sendo reconstruído em 1970, preservando alguns elementos originais. Como aponta Lourenço (2022), o Chafariz das Águas Férreas é também um registro material da história social do bairro, refletindo a presença das comunidades que se estabeleceram no Taquaral e a relação entre a população e a água ao longo do tempo.

Figura 04: Chafariz após ser atingido por queda de barreiras em 1960



Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural. IPHAN, 2017

Com o esgotamento das minas e a queda da economia do ouro, Ouro Preto, incluindo o bairro do Taquaral, passou por um período de queda na população. A ocupação do Taquaral começou a aumentar mais a partir da década de 1970, junto com o crescimento da cidade provocado pela fábrica de alumínio a Eletro Química Brasileira S.A. (Elquisa), que chegou em 1945 e trouxe muitos trabalhadores de baixa renda (FJP, 1975; Cifelli, 2005; Oliveira & Sobreira, 2015). Esse crescimento fez com que áreas periféricas e encostas fossem ocupadas, mostrando tanto a necessidade de moradia quanto a falta de planejamento urbano.

Dona Resiliência, que chegou ao bairro em 1969, lembra que sua família foi uma das primeiras a se instalar no Taquaral, junto a poucas outras famílias. Sua mãe, Dona Coragem, contou que toda a família veio da roça porque o marido buscava uma vida melhor e foi trabalhar na Alcan. Inicialmente moraram de favor. Outras entrevistadas confirmaram a história e até sugeriram que conversar com a Dona Resiliência, lembrando que ela e a mãe conheciam melhor a história do bairro por terem chegado primeiro.

Esses relatos mostram como o Taquaral que conhecemos hoje começou a se formar. Os primeiros moradores construíram suas casas principalmente por conta própria, mesmo com pouca presença do poder público e com a cidade crescendo e pressionando por espaço.

A autoconstrução sempre foi, e ainda é, a principal forma de erguer casas no bairro. Pelas entrevistas e pela vivência que tenho do Taquaral, os relatos sobre como as casas foram construídas e depois reformadas mostram um crescimento natural, a vida acontecendo, com a necessidade moldando o espaço. Cada filho que nasce, cada jovem que cresce e precisa de um lugar seu... tudo isso gera novas demandas: um cômodo a mais, um banheiro, um quarto maior, ou até uma nova casa construída em cima da antiga ou no mesmo lote.

Figura 05: Casas no Taquaral



Fonte: Acervo pessoal (2025)

No entanto, nem sempre essa dinâmica de construção acontece em terrenos seguros. No Taquaral, assim como em outros bairros da Serra de Ouro Preto, a composição do solo, a história de mineração desde o período colonial e as alterações no suporte físico tornam a área vulnerável a deslizamentos, aumentando os riscos para os moradores (Sobreira, 1989). Por isso, a vida das famílias que constroem o bairro acontece em um contexto de constante resistência e adaptação.

O bairro enfrenta instabilidade do terreno há muito tempo. Esse problema, que ganhou maior visibilidade recentemente, tem origens antigas e faz parte da realidade cotidiana do Taquaral. Muitas famílias já sofreram remoções devido a chuvas e deslizamentos. Como contou a Senhora Visionária: “Minha irmã morava no Alto Taquaral, na década de 90. Ela perdeu a casa dela. No período de chuva, a casa trincou toda. Nem existe mais, foi demolida.”

Dona Resiliência também falou o caso: “O terreno da casa dela ali já teve umas três casas,

as três casas caíram. A casa dela foi abrindo trinca de fora a fora. A prefeitura não ajudou com nada. Nada, nada.”

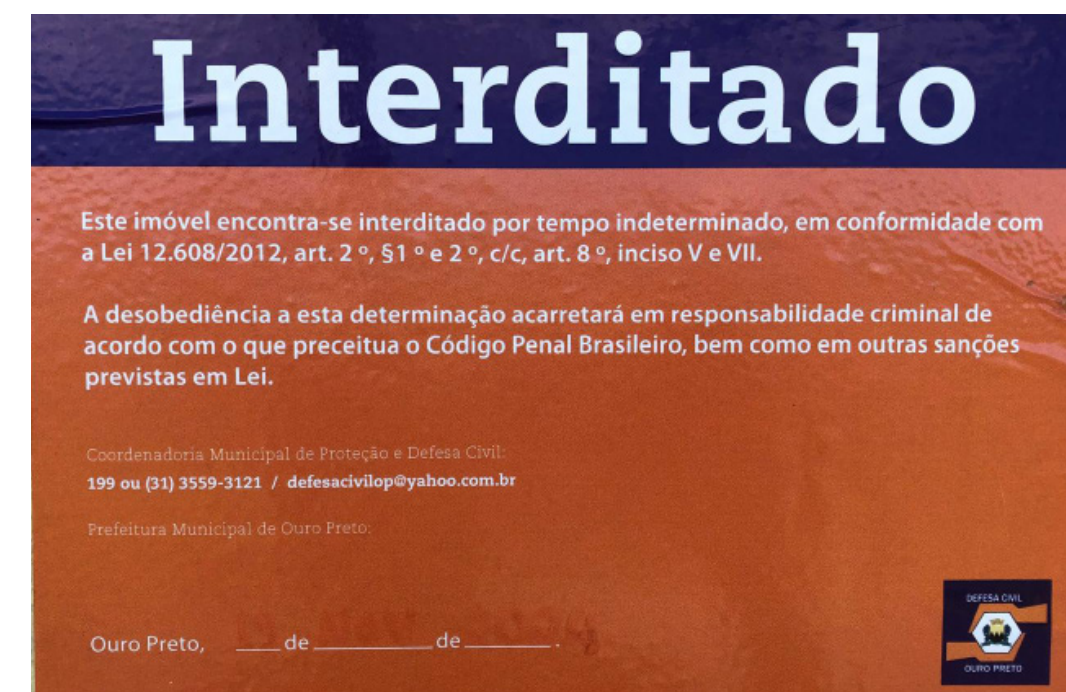
A ausência de apoio da prefeitura para o bairro faz com que as pessoas continuem construindo nessas áreas vulneráveis, muitas vezes por não existir uma outra opção. Como conta Dona Resiliência:

Se não der um uso pra esses terrenos, até os de agora, as pessoas vão construir novamente. Já tá plano, prontinho pra subir uma casa. Talvez dar um uso, né? Uma praça, uma quadra... coisa que se chover e der problema, as vidas não estão em risco. Seria ótimo para o bairro... As pessoas vêm da roça igual a gente veio e aí constroem nesses lugares.

(Dona Resiliência, informação oral)

O relato evidencia várias questões importantes sobre a realidade do Taquaral. Mostra como a falta de alternativas seguras leva as pessoas a ocuparem áreas de risco: sem políticas públicas ou projetos de urbanização adequados, construir nas encostas ou terrenos com risco de deslizamentos é, muitas vezes, a única opção para quem busca uma moradia. Além disso, suas palavras mostram a experiência prática de quem conhece o bairro de perto, a vida das famílias que chegam buscando uma vida melhor e constroem suas casas com esforço próprio, enfrentando os desafios do território. Por fim, a sugestão de transformar esses terrenos em espaços comunitários, como praças ou quadras, mostra a necessidade de intervenções que protejam os moradores e valorizem o bairro.

Figura 06: Adesivo de interdição colocado nas casas desocupadas



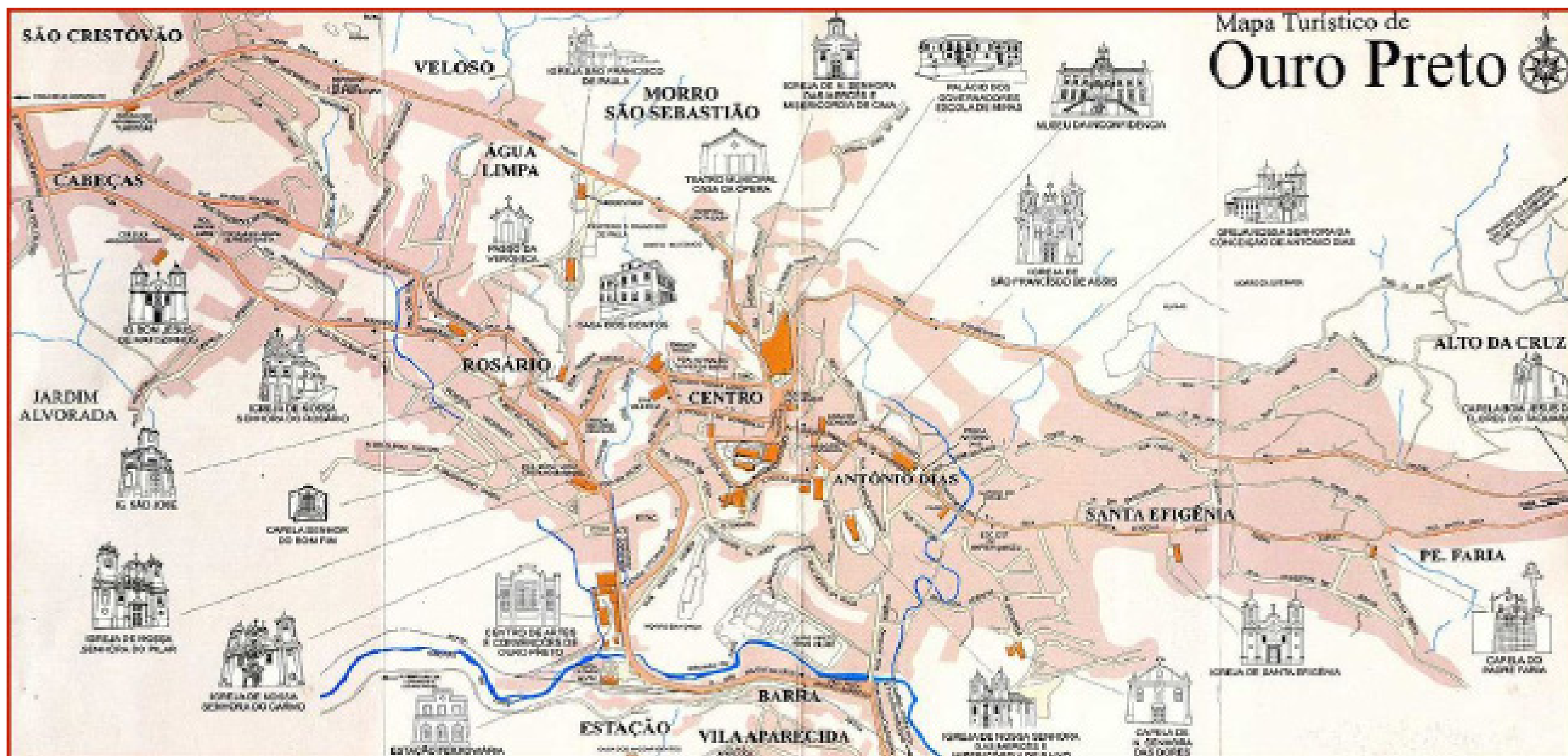
Fonte: Acervo pessoal (2025)

04 FORA DO MAPA: HISTÓRIAS INVISIBILIZADAS DO TAQUARAL

Mesmo com todos os problemas, o Taquaral segue vivo, carregando uma força social, cultural e histórica que não desapareceu com o tempo, nem com o abandono do poder público. Enquanto a história “oficial” muitas vezes ignora bairros como o Taquaral, memórias e resistências profundas continuam existindo, mesmo fora do centro e dos roteiros turísticos.

No mapa turístico da figura 06, a Capela do Bom Jesus das Flores é indicada (no canto direito, abaixo do bairro Alto da Cruz), mas o bairro em si não aparece. Quem quiser visitar a capela terá que descobrir por conta própria, já que o mapa mostra apenas o monumento, sem contextualizar o bairro. ele existe. É como se a capela pudesse ser reconhecida, mas o território ao redor dela não.

Figura 07: Mapa turístico de Ouro Preto



Fonte: <https://mapasblog.blogspot.com/2011/03/mapas-de-ouro-preto-mg.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Figura 08: Mapa turístico de Ouro Preto



Fonte: ouopretooficial.com.br. Acesso em: 24 jun. 2025.

Outro exemplo é o mapa disponível no site oficial de turismo de Ouro Preto (ouopretooficial.com.br), que também indica a Capela do Bom Jesus das Flores, mas de forma bem discreta. Dessa vez, a igreja nem aparece desenhada, só o nome dela, colocado em uma plaquinha pequena, que a pessoa precisa prestar bastante atenção pra conseguir encontrar. No próprio site, eles dizem que o mapa serve pra “descobrir cada cantinho” da cidade e mostrar “joias escondidas que fazem de Ouro Preto um destino único”. Porém, quando a gente olha com calma, percebe que alguns cantinhos continuam esquecidos. A promessa não se cumpre por inteiro.

Figura 09: Mapa turístico de Ouro Preto



05 MEU TAQUARAL

Quando penso no Taquaral e tento resgatar minha primeira lembrança daquele bairro, minha memória me leva a uma tarde de sábado (não um sábado muito específico, foram muitos sábados como esse). Minha mãe ouvindo música enquanto arrumava a casa, e o cheiro do bolo no forno tomando conta do ambiente. Era o cheiro do café da tarde se anunciando, aquele que parecia abraçar todo mundo. Vale ressaltar que eu valorizava muito esses momentos, porque, durante a semana, minha mãe trabalhava. Então, dedicar-se mais às tarefas domésticas era algo reservado para os finais de semana, férias e feriados.

Depois do almoço, mas só depois de dar tempo para a comida “chegar no lugar”, porque todo mundo conhece a história do primo da amiga de um conhecido que passou mal porque não esperou meia hora para fazer a digestão, meu primo, que tinha a minha idade, me chamava para andar de bicicleta até a lagoa da fazenda, que ficava atrás da igreja.

Avisava minha mãe com um “vou ali perto da igreja” (apesar do “ali” ser um pouquinho mais longe do que ela imaginava). Se caísse no caminho, era melhor resolver por lá mesmo, porque voltar chorando não era opção. Pegava minha bicicleta, ajustava o guidão e ia. O tempo era precioso, porque à noite tinha Igreja e não dava para perder.

A lagoa era funda, e a gente só se arriscava na borda. Quer dizer, às vezes, um pouquinho mais longe... Mas, se minha mãe estiver lendo isso, pode acreditar que era só na borda, viu? Na volta, passávamos no mata-burro, tentando não cair, fazíamos uma parada na lagoinha para pegar girinos e, na reta do gás, sempre arriscávamos soltar as mãos do guidão. Muita coragem, considerando que lá era pura terra fofinha. Era um misto de liberdade e desafio. E, claro, acabava caindo. A terra fofinha pelo menos amortecia a queda.

Chegava em casa toda suja, misturando água da lagoa com a terra vermelha do bairro. Minha

mãe mal me deixava entrar em casa, me recebia na porta: “Direto para o banho! Você não tem juízo, Samara.”

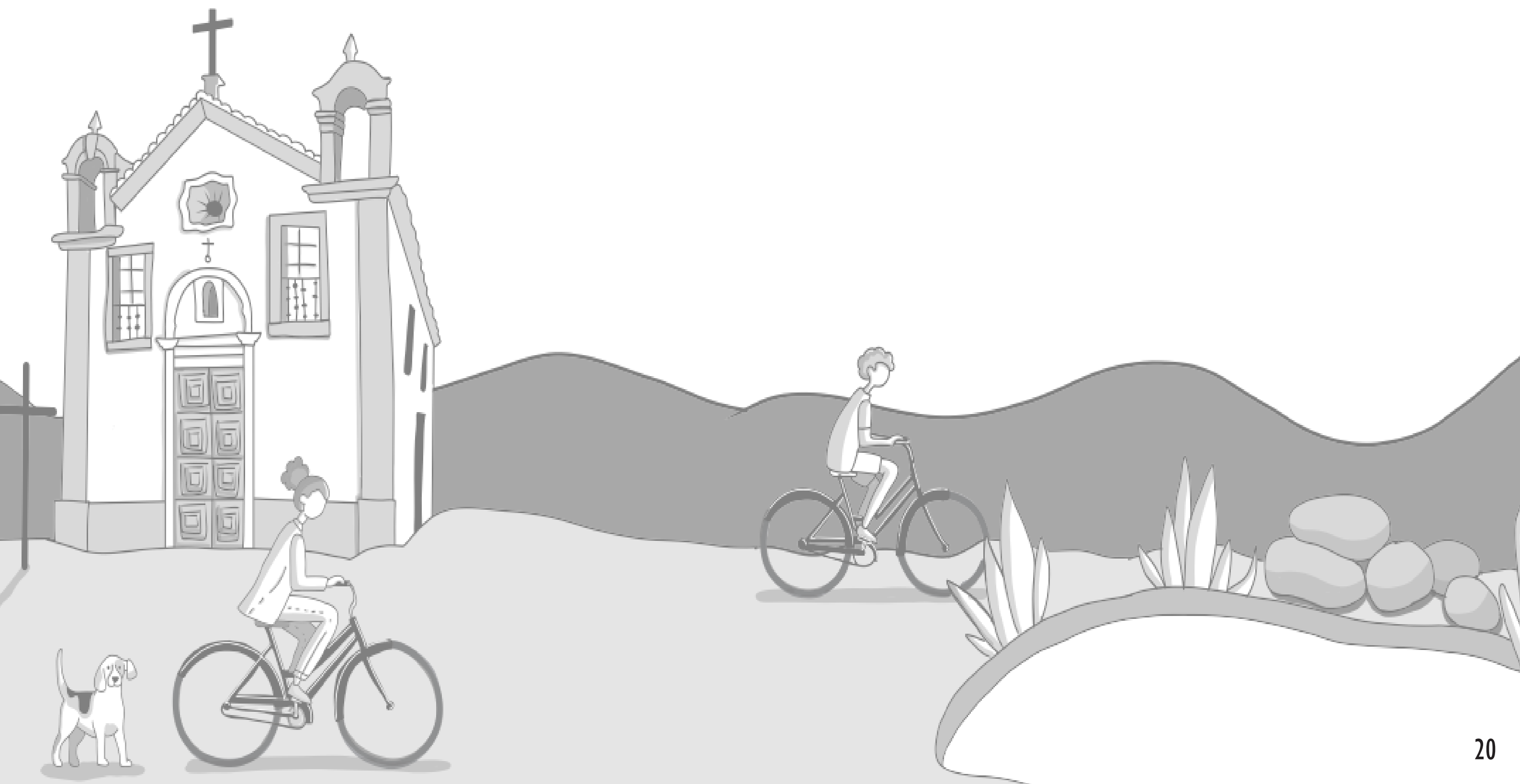
A hora do culto se aproximava, e mais uma “aventura” estava à frente. A gente ia de ônibus e voltava a pé, ou o contrário. A pequena Samara quase surtava de alegria com isso. Eram duas horas de caminhada, correndo na frente, subindo, pulando, e depois voltando para perto dos meus pais, que ficavam para trás.

O ônibus também proporcionava momentos interessantes, mas era preciso ficar atento ao horário, porque nem sempre passava na hora certa, e ninguém queria perder o último ônibus. Nem sei dizer o tamanho da minha alegria quando comecei a pagar passagem. Na minha cabeça, aquilo era um marco de independência. Era coisa de gente grande passar pela roleta e não entrar pela porta da frente. Hoje, fico pensando na minha mãe, essa minha alegria em crescer significava um gasto a mais. Ir para a igreja não era pesado, pois era nos finais de semana apenas. Mas agora, isso significava que eu também precisaria pagar passagem para ir para a escola, que era longe de casa, e isso sim seria uma despesa diária.

Já que falei de escola... Certa vez, tirei nota vermelha e fui para recuperação. Minha mãe me deixou de castigo durante as férias inteiras. O castigo era: não podia brincar na rua por um mês, só podia sair com meus pais. A minha rua era a mais plana do bairro, no Taquaral não tinha quadra nem pracinha, então, ou a gente brincava na Igreja ou lá na minha rua. Nesse período de férias, o pessoal jogou bola quase todos os dias, e eu ficava lá na janela, arrasada, fazendo cara de dó (para ver se minha mãe sentia pena de mim). Os únicos dias que não rolou brincadeira foram os dias em que choveu. Em um desses dias de chuva, a rua lá em cima caiu — e até hoje essa rua cai, vive dando rachadura ou afundando. Virou um acontecimento do bairro, e todo mundo foi lá ver o que tinha acontecido. Todo mundo, menos eu, que estava de castigo.

Nunca fui uma aluna nota 10, sempre conversei demais, desenhei demais, distraí demais. Mas é preciso dizer que a distância do Taquaral até a escola em que estudava, e consequentemente até a maioria dos meus colegas, também não ajudava muito. Detestava trabalho em grupo. Era só chegar em casa, almoçar e ter que voltar correndo para fazer o trabalho, e ninguém nunca queria ir até a minha casa porque era longe demais, eu sempre tinha que ir para a casa dos outros colegas. No fim, ou eu fazia sozinha ou pegava a parte de todo mundo para fazer. Carregar os livros para a aula também era um problema. A mochila pesava muito, e segundo o médico, esse foi o motivo da escoliose que eu desenvolvi.

Crescer com um primo da minha idade foi ótimo! Ele era meu companheiro nas aventuras que a gente criava nas nossas cabeças. Atrás da minha casa tem um barranco com uma terra extremamente pigmentada. Por vezes, fazíamos de conta que éramos cientistas (como nós mesmos nos chamávamos). Pegávamos a terra e produzíamos nossa própria tinta, que era ótima para pintar o chão inteiro. Desenhávamos cidades, ruas, cruzamentos, casas, tudo completinho. Essa “tinta” super pigmentada não saía da roupa por nada, e era lógico que a gente se sujava inteiro. Aí vinha minha mãe com a famosa frase: “Direto para o banho! Você não tem juízo, Samara.”



O Taquaral era como um parque de diversões para minha mente curiosa. Atrás de muitas casas, ainda existem minas, algumas bem extensas, outras nem tanto. Era o máximo passar o dia tentando achar ouro (vai que alguma coisinha ficou para trás, né?). A gente pegava garrafas PET, enchia de água e deixava o sol refletir nelas para iluminar dentro da mina. Pensando bem agora, talvez realmente fôssemos cientistas, sempre nos desdobrando para descobrir a melhor forma de brincar. Nem sempre tínhamos brinquedos, mas isso nunca foi um fator limitante.

Sabe, mesmo naquela época, eu já ficava pensando no dia em que essa rotina não seria mais a minha. Sempre soube que crescer leva embora um pouco da graça das coisas. Olhando para trás, percebo que naquela época eu sentia pena de quem não tinha a vida que eu tinha. O Taquaral era perfeito para mim.

Quando me tornei adolescente, esse bairro, que antes parecia um paraíso, passou a representar tudo o que eu queria escapar. Eu odiava a falta de opções, a distância da escola, a sensação de estar fora da cidade “de verdade”. Quando meus colegas de outros bairros me perguntavam onde eu morava, sempre respondia: Alto da Cruz, eu detestava mentir, mas era mais fácil do que aguentar a zoeira que vinha depois de falar que morava no Taquaral. Caminhar por horas agora parecia uma punição, morar no Taquaral deixou de ser algo tão legal. Era complicado sair depois de certa hora, com os ônibus que, às vezes, nem chegavam até o último ponto. Sem falar quando tinha uma festa ou um show no centro da cidade, porque isso significava andar da Praça Tiradentes até em casa. No carnaval, esquece. Hoje em dia as pessoas têm carros e também existem os aplicativos, isso já ajuda bastante.

Chegou um momento que eu comecei a me perguntar porque nada no Taquaral ia para frente, não tem um comércio, uma padaria de bairro que seja. Minha mãe me disse que é porque as pessoas compram fiado e não pagam, aí o dono do comércio não consegue se firmar. E se ele não vendesse fiado? Ai não teria vendas, fecharia de qualquer forma. Parece fadado a não dar certo. Mas ainda fica um “porque” na minha cabeça. Deve ter um motivo mais profundo, talvez relacionado a condição financeira das pessoas, ou a estrutura do lugar. Só sei que minha cabeça parava muito nesses pensamentos. E foi aí inclusive que eu percebi que lá em casa a gente não tomava café com pão francês, tradicional café da manhã dos brasileiros. Não tinha lugar para ficar comprando pão todo dia, o negócio era na compra do mês aproveitar e comprar caixa de biscoito. Pão francês só as vezes quando meus pais traziam do centro.

A vida no Taquaral começa cedo, e isso foi algo que passei a notar no ensino médio e principalmente

depois que entrei na UFOP, quando saía de casa pela manhã. O ônibus era predominantemente ocupado por mulheres que estavam indo trabalhar em casas de família, restaurantes e comércios da cidade. Mulheres que, antes mesmo de pegar o ônibus, já tinham lavado roupas, deixado o almoço pronto, mandado os filhos para a escola e feito diversas outras tarefas em casa. As conversas antes da chegada do ônibus eram, na maioria das vezes, sobre essa correria e as batalhas que seriam enfrentadas ao longo do dia até o retorno para casa.

Com um pouco mais de idade e conhecimento, uma visão mais equilibrada do bairro foi surgindo. O Taquaral não era aquele lugar onde não me faltava nada, como na infância, mas também não era o pior lugar do mundo, como eu pensava na adolescência. Era o meu bairro, com muitas carências, principalmente no que diz respeito a equipamentos urbanos. Mas também era o bairro de mulheres fortes que faziam de tudo por suas famílias e pela comunidade. A rede de apoio entre a vizinhança sempre esteve presente.

Faz algum tempo que me mudei do Taquaral. Foi a partir desse distanciamento que comecei a enxergar o bairro com outros olhos, tanto suas potências quanto suas fragilidades ficaram mais evidentes. Não quero cair na ingenuidade de romantizar o Taquaral, como se fosse um lugar mágico e sem problemas, só porque hoje não moro mais lá. A partir do momento em que entrei no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFOP, minha percepção sobre o bairro foi se transformando. A gente vai estudando, aprendendo, e certas coisas começam a fazer mais sentido, né?

Recentemente voltei a andar pelas ruas do Taquaral por causa deste trabalho de conclusão de curso. Desde que comecei a estudar Arquitetura e Urbanismo, fui percebendo que o que acontece ali também se repete em tantos outros “Taquarais” espalhados por aí. Cada um com suas particularidades, mas enfrentando desafios muito parecidos : falta de infraestrutura, ausência do poder público, luta por reconhecimento. Isso é quando a gente dá um passo para trás e tenta enxergar o todo. Mas, ao mesmo tempo, quanto mais eu me aprofundava na história de Ouro Preto, mais percebia o meu próprio bairro à margem de tudo isso. Um lugar cheio de força, carregado de memórias e lutas, mas quase sempre esquecido. Lembro do dia em que voltando da aula, percebi que sabia mais sobre o centro histórico da cidade do que sobre a história do lugar onde cresci. Aquilo ficou atravessado em mim. Tantas camadas cuidadosamente preservadas no centro e tão pouca atenção ao bairro onde a vida segue sendo construída todos os dias.

Na visita mais recente, o que presenciei me fez refletir ainda mais profundamente. A luta por condições básicas de vida continua firme. Nas entrevistas que realizei, relatei momentos importantes, como a chegada da luz, da água e do calçamento, mas essas conquistas eram restritas a uma parte do bairro, um pedaço mais próximo a mim. Agora, em 2025, caminhei por áreas do Taquaral onde esses direitos fundamentais ainda não chegaram. Subi escadarias e becos construídos pelos próprios moradores, que fazem o possível para garantir o mínimo necessário. Vi placas anunciando obras, mas não havia obra alguma, nem sequer sinais reais de melhorias. Posso testemunhar que ainda hoje, o Taquaral permanece lutando pelo básico.

Durante as entrevistas, uma das mulheres parou por um momento e me perguntou se eu acredito que existe mudança para o Taquaral. Eu disse que sim, que com muita vontade do poder público, acredito que uma mudança seja possível. O Taquaral já possui moradores que são sua grande potência. Se a prefeitura disponibilizasse força e atenção para atender às necessidades do bairro, a história contada daqui a alguns anos pode ser outra.

No momento em que escrevo, o futuro do Taquaral parece cada vez mais incerto: mais pessoas perdendo suas casas, mais ruas cedendo... Esse “momento” que temo é justamente a chegada de um novo perfil de moradores, com a construção de loteamentos, casas e chalés voltados para aluguel de curta temporada, como o Airbnb, cujos preços estão muito acima da realidade da maioria da população local. Com isso, pode chegar o dia em que o Taquaral não será mais um bairro para as famílias que sempre viveram ali. Talvez ainda haja espaço no próprio bairro para as pessoas que perderam suas casas por conta das chuvas, mas é possível que, nesse processo de valorização e especulação imobiliária, grande parte delas não consiga permanecer e que o bairro deixe de ser realmente para elas.

Essa é a minha perspectiva de futuro mais racional. O que eu realmente espero é que o Taquaral continue sendo especial para muitas outras famílias, que as mães tenham o privilégio de deixar seus filhos em creches e escolas dentro do próprio bairro, que uma unidade básica de saúde possa atender à população ali, que as crianças tenham espaços para brincar e se divertir, e que as famílias tenham lugares para levar suas visitas e passear. E, se não for pedir demais, um supermercado cairia muito bem.

Eu também torço para que outros moradores, assim como eu, contem a história do bairro, que os estudos e as narrativas não fiquem restritos a pessoas de fora, mas que, cada vez mais, esse olhar de dentro possa ser traduzido em palavras. Me assusta um pouco a possibilidade de que

tudo se perca junto com cada morador que se vai. As histórias, as memórias e as lutas do Taquaral merecem ser lembradas, registradas e repassadas para que o bairro continue existindo não só no espaço, mas também na memória de quem o constrói todos os dias. Que quando um novo morador chegar, ele saiba que o lugar onde vai viver é rico em histórias, força e pertencimento e que esse valor não pode ser apagado.



06 CARTOGRAFIA

Cartografia é um jeito de pesquisar que, em vez de só mostrar um mapa fixo, vai acompanhando as mudanças, os movimentos e as histórias que vão acontecendo.

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana Escóssia (2015) explicam que a cartografia é um método que ajuda a entender como as coisas mudam e se transformam, e não só como elas são paradas no tempo e no espaço, como acontece em um mapa tradicional.

Imagina que a gente quer entender um bairro, mas não só olhando as casas e ruas, e sim vendo também as histórias, os sentimentos, as lembranças e as dificuldades das pessoas que moram lá. A cartografia ajuda o pesquisador a prestar atenção nesses detalhes, como um caminho cheio de pistas para seguir (Kastrup, 2015).

Virgínia Kastrup fala que para fazer esse tipo de pesquisa o pesquisador precisa ter uma atenção especial, que ela chama de “rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento” (Kastrup, 2015, p. 32). Isso quer dizer que ele precisa olhar com cuidado, sentir o que está acontecendo, ouvir e perceber o que não é tão fácil de ver, para entender melhor as histórias que estão sendo contadas. Josiane Godinho (2021) diz que esse caminho não é uma linha reta, porque a pesquisa vai mudando conforme as pessoas e os lugares vão mostrando coisas novas. O pesquisador não fica só olhando de fora, ele se envolve e aprende junto com as pessoas (Godinho, 2021).

No início, a cartografia foi usada como instrumento de poder, para dominar e dividir territórios — um tipo de conhecimento científico que nasceu em meio às guerras e à colonização do espaço. Mas, quando a gente inclui as experiências, os sentimentos e as vivências das pessoas no mapa, esse instrumento vira outra coisa. O mapa passa a mostrar também o que se sente, o que se vive, o que se lembra. Ele se transforma em um espaço de memória, resistência e afetos.

Então, a cartografia não é só fazer um mapa das ruas, mas também das memórias, dos afetos e das transformações que fazem o bairro ser o que é. Por isso, é um método que combina muito bem com o trabalho de ouvir e contar as histórias das mulheres do Taquaral, porque mostra que o bairro está vivo, mudando e cheio de significados (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015).

Quando usamos a cartografia junto com a escrevivência, estamos dizendo que o mapa também pode contar histórias vividas. O traço no papel carrega passos, caminhos, dores, resistências e alegrias. Esse tipo de mapeamento é uma forma de valorizar os saberes de quem mora nos territórios, de quem caminha todo dia por essas ruas. É uma forma de dizer: o que a gente vive também importa, também é conhecimento.

Nas páginas seguintes, compartilho uma série de cartografias afetivas. Elas foram criadas a partir das entrevistas com as mulheres do Taquaral e trazem, em forma de desenho, fotos e mapas, os sentimentos, memórias e questões que apareceram nas falas delas.

HISTÓRIAS E LENDAS

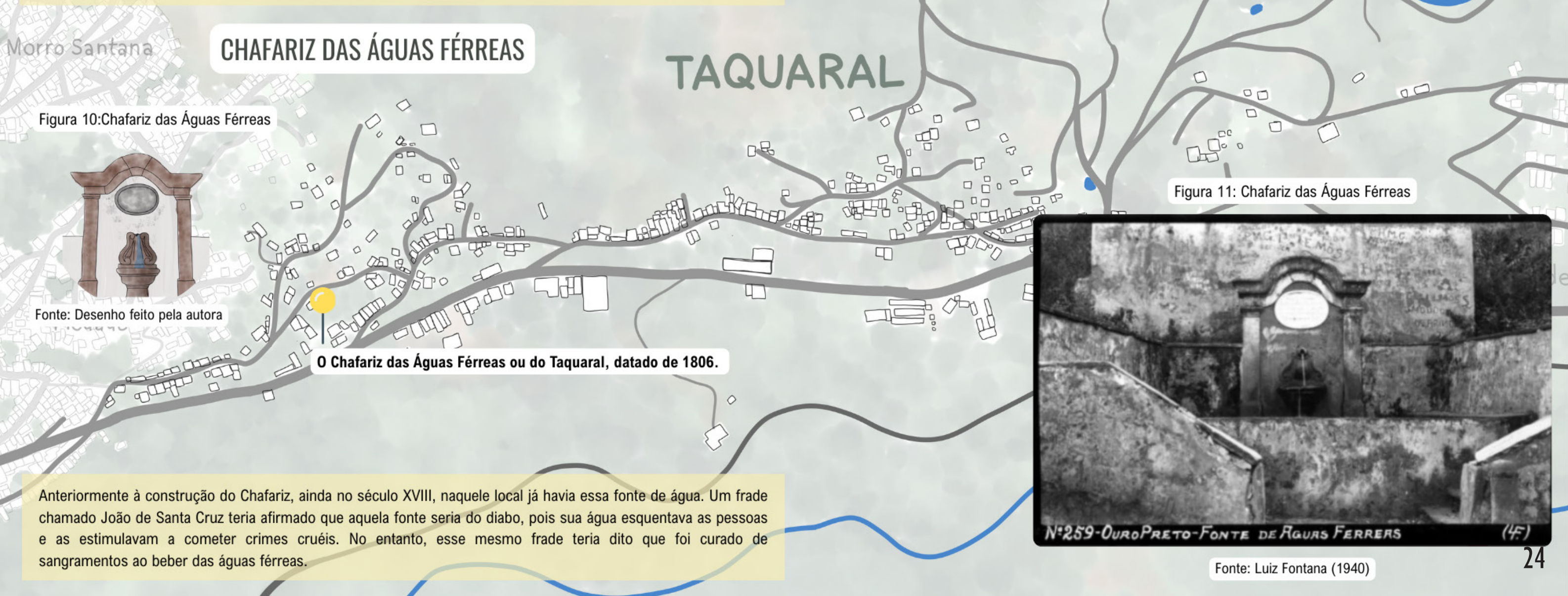
Durante as entrevistas, vieram à tona histórias curiosas que atravessam gerações e alimentam o imaginário das moradoras e moradores do Taquaral. Entre elas, destaca-se a narrativa sobre um mapa do tesouro. Foi apresentado um documento manuscrito, guardado com cuidado e nunca antes compartilhado. No período colonial, o Taquaral foi território de exploração mineral e, nesse contexto, o marido da Dona Inabalável teria recebido esse mapa misterioso, que indicaria a localização de um tesouro escondido nas redondezas do bairro. Com detalhes minuciosos e caminhos desenhados, o mapa se transformou, ao longo dos anos, em objeto de brincadeira e curiosidade: o casal e suas visitas percorriam as trilhas indicadas. Infelizmente nunca obtiveram sucesso em sua busca.

Outra história que compõe esse repertório simbólico do bairro é a do chafariz das águas férreas, conhecido por muito tempo pelas suas águas milagrosas. Contam que gente de longe vinha beber dessa água, acreditando em suas propriedades curativas. Hoje, o chafariz ainda resiste, mas a água secou, consequência direta do crescimento desordenado que alterou o equilíbrio ambiental da região.

Essas narrativas, entre o mistério do tesouro e as águas que curavam, revelam mais do que apenas lendas. Elas falam de um Taquaral que se constrói também na oralidade, nos afetos e nas memórias partilhadas. São camadas da história que seguem vivas na fala e na escuta de quem permanece.

Quando eu cheguei, não tinha nada, não tinha casa. Mas o Taquaral era mais movimentado. Por causa da Igreja e também porque tinha aqui as águas férreas, já ouviu falar? Muita gente vinha de fora para pegar essa água porque era boa pra quem tinha anemia, tinha doença que curava.

A Dona Resiliência



CHAFARIZ DAS ÁGUAS FÉRREAS

Figura 10: Chafariz das Águas Férreas



Fonte: Desenho feito pela autora

Figura 11: Chafariz das Águas Férreas



Fonte: Luiz Fontana (1940)

Anteriormente à construção do Chafariz, ainda no século XVIII, naquele local já havia essa fonte de água. Um frade chamado João de Santa Cruz teria afirmado que aquela fonte seria do diabo, pois sua água esquentava as pessoas e as estimulavam a cometer crimes cruéis. No entanto, esse mesmo frade teria dito que foi curado de sangramentos ao beber das águas férreas.

TESOURO ENTERRADO

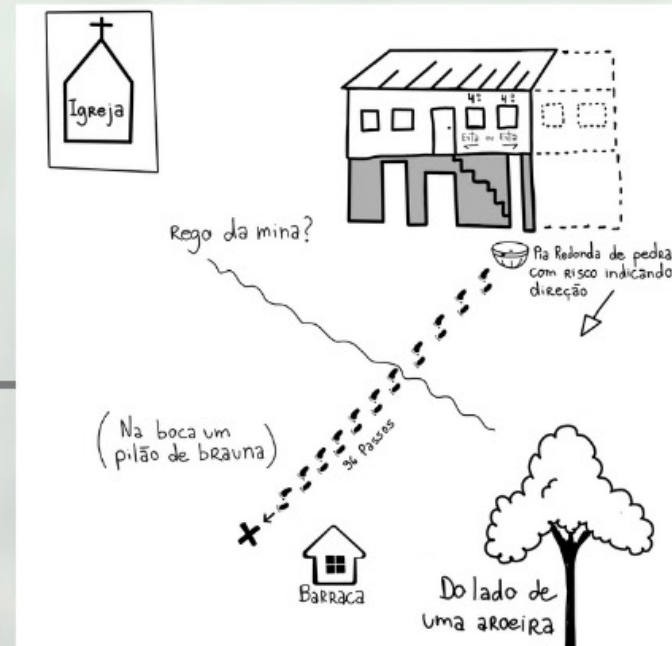
Figura 12: Carta para um amigo

Taquaral 16 de Novembro de 1786 Alvaranga
 o que mandou me dizer do aperto que
 ta passando declaro por esta enterrei
 tudo que tenho aqui deste jeito debaixo
 da casa tem uma pia de pedra redonda
 em frente da quarta janela do lado
 da Igreja na boca desta pia dei
 um corte medidas deste corte 96
 passos fiz um buraco com 6 traças
 de fundura enterrei 74 arrobas de
 ouro em pó e 241 diamantes com o
 peso de 3½ libras esses diamantes
 foi nosso amigo Cordeiro que mandou
 do Itambe para te entregar e
 nas costas dessa carta deixo o
 desenho para não enganar
 da amigo
 Clarcido Xavier

Fonte: Desenho feito pela autora baseado em material
 cedido pela Dona Inabalável

1 Arroba = 15 kg
 74 Arrobas = 1.110 kg

Figura 13: Mapa do Tesouro



Fonte: Desenho feito pela autora baseado em material
 cedido pela entrevistada

Figura 14: Casa da fazenda



Fonte: Foto cedida pela Dona Inabalável

TAQUARAL

Capela Bom Jesus das Flores

Localização da Fazenda

Saída para Mariana

Região do tesouro enterrado

Essa história de tesouro é o máximo! Aqui em Ouro Preto ninguém tem não. Essa história aqui, não. Esse mapa aqui era o
 que meu filho andava com ele. Do jeito que ele andava, eu deixei aqui.
 Esse o mapa mostrando onde que estava o tesouro. Sabe? E a gente achou tudo... A gente achou tudo que indica, que fala
 na carta, o que tinha. Uma aroeira, uma pedra grande... Tinha o tesouro. Eu acho que eles acharam e sumiram, foram
 embora. Eu acho que foi o pessoal do asfalto. Quando vieram abrir para fazer o asfalto.

A Dona Inabalável

NATUREZA

O Taquaral, mesmo fazendo parte da cidade histórica de Ouro Preto, mantém uma relação especial com a natureza, diferente do que se vê em muitos outros bairros. Apesar da urbanização, ainda é comum encontrar elementos que lembram a vida no campo, como hortas e a presença de vacas, porcos, cavalos e galinhas. Essas práticas não servem apenas para o sustento das famílias, mas também fortalecem o contato diário com a natureza, influenciando o cuidado com o ambiente e o próprio jeito de viver no bairro.

As entrevistas mostraram algo que todas as moradoras reconhecem: a abundância de água no Taquaral. Essa é uma marca antiga do lugar e continua importante até hoje. Muitas casas ainda utilizam a água que vem direto das minas, preservando uma ligação histórica com as fontes naturais. Além disso, o bairro é atravessado por cursos d'água e abriga a Lagoa do Sampaio, que fazem parte da paisagem e da memória local.

Se eu recebesse uma visita, acho que aqui não tem lugar nenhum pra levar. Qualquer coisa levava na fazenda, por ali que tem umas águas, ne?

A Dona Resiliência

O Taquaral é muito bom com água.

A Dona Inabalável

Tudo é água de mina. Eu uso água da Saneouro só mesmo para molhar plantas. Então, essa mina pode chover o que for que ela não suja a água. Ela não é muita, mas é constante.

A Dona Inabalável

Figura 16: Lagoinha (Atrás da igreja)

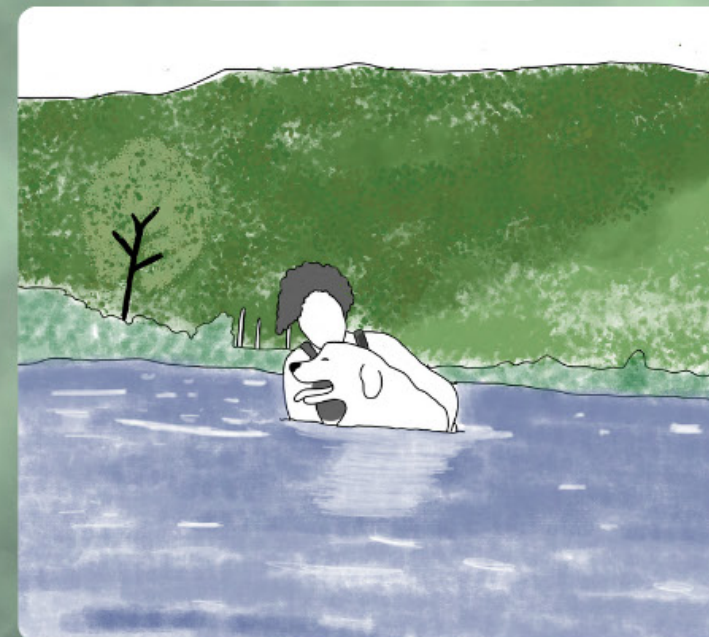


Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

Figura 15: Banho de Lagoa



Fonte: Desenho feito pela autora a partir de acervo pessoal

Tem um cristal branquinho e a água sai de lá. Do chão, brota do chão.. É água purinha.

A Dona Inabalável

Pesque Pague

Lagoa do Sampaio

Figura 17: Diversão na Lagoa



Fonte: Desenho feito pela autora a partir de acervo pessoal

A gente, quando recebia visita, levava as pessoas em direção à fazenda, lá na fazenda, pelo menos, tem uma lagoa, alguma coisa.

A Senhora Visionária

A gente teve até a oportunidade de comprar casa lá na rua, na Bauxita e tudo. Mas ele queria algum lugar que ele pudesse mexer com as criação. Porque ele tinha uns porcos, ele tinha vaca de leite. Ah, não. Lá em cima não tinha jeito.

A Dona Inabalável

Tinha a ceva, né? teve uma época que ele tinha 500 porcos. Meu marido fornecia. Ele cuidava, matava e vendia. Tinha uma horta que abastecia o Grande Hotel de verdura. A horta era linda. Imagina. Mas, tudo acabou... A gente não pode ficar pensando muito não, porque a vida é assim mesmo.

A Dona Inabalável

Figura 18: Bananeiras no quintal da casa



Fonte: Acervo pessoal

Figura 19: Bananeiras no Taquaral



Fonte: Acervo pessoal

Figura 20: Menino no Cavalo



Fonte: Desenho feito pela autora a partir de acervo pessoal

Figura 21: Montagem



Fonte: Desenho feito pela autora a partir de acervo pessoal

TAQUARAL

Região onde a Dona Inabalável tinha criação de animais

AUTOCONSTRUÇÃO

O Taquaral é um bairro marcado pela autoconstrução. As casas mudam com o tempo, acompanhando o ritmo e as transformações da vida das famílias. Quando chegam mais filhos, o espaço precisa aumentar, e muitas vezes isso acontece de forma improvisada, com a criação de novos cômodos sem planejamento formal. A compra de um carro também pode mudar a estrutura da casa, como quando um quarto é transformado em garagem para guardar o novo bem.

Essa forma de crescimento não é exclusiva de uma ou outra família. Ao olhar para minha própria casa e para as casas dos vizinhos, percebo que todo o bairro vive um processo parecido. A cada mudança na rotina ou no número de moradores, as construções se adaptam, ganham novos usos e formas. É uma arquitetura viva, feita com os recursos que se têm e moldada pelas necessidades do momento. Essas transformações, pequenas ou grandes, ajudam a criar a identidade do Taquaral e mostram como ele está sempre em movimento.

Quando a gente mudou pra cá, tinha dois quartos. Só que depois que foi aumentando. Tinha um quarto ali, uma sala cozinha e uma área grande.

Dedicada

Pessoal foi construindo sem saber se podia.

A Dona Resiliência

A única coisa que aconteceu aqui foi um crescimento desordenado.

A Senhora Visionária

Figura 22: Casa de Pau-a-Pique no Taquaral. 1980



Fonte: Foto cedida pela Dona Inabalável

TAQUARAL

Chico Alvim falou pro meu pai escolher um pedacinho pra construir, porque não tinha onde morar. Meu pai viu um lugar que tinha uma água escorrendo, aí ele falou que tinha que ser aqui porque tinha água, né? Ele veio, fez um poço e construiu aqui porque aqui tinha água. Depois levantou um barraco. Adivinha de que era o barraco? De barro. Punha as madeiras assim, amarrava com cipó, aí foi jogando o barro. Era bonitinha. Ele amarrou as varinhas e jogou barro.

A Dona Resiliência

O povo ia chegando e marcando os lotes.

Dedicada

Mãe e filha, Dona Resiliência e Dona Coragem, chegaram ao Taquaral em 1969 junto com toda a família. Dona Resiliência tinha seis anos na época. Vieram da roça em busca de emprego e uma vida melhor.



Dedicada chegou ao Taquaral com toda a sua família quando ainda era criança, em 1975. Eles vieram em busca de uma vida melhor.



Figura 23: Evolução da casa da Senhora Visionária ao longo dos anos



A

1994



B

1996



C

1998



D

2000

A CASA VAI CRESCENDO JUNTO COM A VIDA

Morro Santana

TAQUARAL

Piedade

Liberdade

Fonte: Fotos cedidas pela Senhora Visionária

A casa aumentou por causa dos filhos. Quando cheguei, na parte de baixo, eu só tinha um quarto. Então, fomos ampliando a casa. Construimos quatro quartos no total e dois banheiros. Agora temos um terraço também. A casa ficou muito boa, inclusive. Mas para chegar nisso foi muita luta.

A Senhora Visionária

Quando cheguei nessa casa o chão da casa era de terra. Não era rebocada, era de tijolo. As vizinhas da frente tinham condição melhor, mas a maioria das casas do bairro era de tijolo, mesmo a parte baixa do Taquaral tendo uma condição financeira melhor.

A Senhora Visionária



Senhora Visionária, junto com o marido e os dois filhos, mudou-se para o Taquaral em busca da casa própria.

MOBILIDADE URBANA

No que diz respeito ao deslocamento, o Taquaral nunca esteve totalmente isolado. O transporte público sempre fez parte da rotina do bairro, embora com muitos desafios. Ainda hoje, os moradores enfrentam dificuldades, especialmente durante eventos no centro de Ouro Preto, quando os horários dos ônibus não atendem bem às necessidades da população. Por muito tempo, a falta de dinheiro para a passagem fez com que muitos precisassem caminhar longas distâncias. O cavalo, que já foi um meio de transporte comum, hoje aparece mais como prática de lazer, dando lugar a carros e motos. Esses novos veículos facilitaram a locomoção, mas também trouxeram impactos para o trânsito no próprio bairro e nas regiões vizinhas. Por estar distante do centro, o transporte público continua sendo um elemento essencial na vida de quem vive no Taquaral.

A partir da tabela de horários disponível no site do consórcio de ônibus de Ouro Preto, Rota Real, é possível ver que o Taquaral conta, na maior parte do tempo, com um transporte público que funciona bem. De segunda a sexta, os ônibus partem do bairro a cada 15 minutos. As exceções acontecem quando há obras ou em datas festivas, como o carnaval. Mesmo assim, segundo as entrevistadas, a sensação é de que o serviço só funciona bem porque o ônibus precisa atravessar a cidade de ponta a ponta, e não porque foi pensado para atender, de fato, as necessidades de quem vive no bairro.

Figura 24: Horários do ônibus Taquaral x Bauxita

LINHA URBANA TAQUARAL X COOPEROURO

SEGUNDA À SEXTA

Saída do Taquaral

05:20 - 05:20 - 06:00 - 06:15 - 06:30 - 06:30 - 06:45 -
07:00 - 07:20 - 07:40 - 07:50 - 08:00 - 08:10 - 08:20 -
08:40 - 09:00 - 09:20 - 09:30 - 09:40 - 10:00 -
10:20 - 10:30 - 10:40 - 11:00 - 11:10 - 11:20 - 11:40 -
12:00 - 12:20 - 12:40 - 12:50 - 12:55 - 13:00 -
13:20 - 13:40 - 14:00 - 14:20 - 14:40 - 15:00 - 15:20 -
15:40 - 15:50 - 16:00 - 16:20 - 16:40 - 17:00 -
17:10 - 17:20 - 17:30 - 17:40 - 17:50 - 18:00 - 18:10 -
18:20 - 18:40 - 19:00 - 19:20 - 19:40 - 19:50 -
20:00 - 20:20 - 20:40 - 21:00 - 21:40 - 22:00

- Horários em **AZUL** via Praça Tiradentes.
- Horário em **VERMELHO** via Praça Tiradentes atendimento de segunda à quinta-feira.
- Horário em **ROSA** via Praça Tiradentes atendimento somente nas sextas-feiras.

Saída do Cooperouro

06:00 - 06:15 - 06:30 - 07:00 - 07:10 - 07:20 - 07:35 -
07:50 - 08:10 - 08:30 - 08:40 - 08:50 - 09:10 -
09:20 - 09:30 - 09:50 - 10:10 - 10:20 - 10:30 - 10:50 -
11:10 - 11:30 - 11:40 - 11:50 - 11:55 - 12:10 -
12:30 - 12:50 - 13:10 - 13:30 - 13:50 - 14:10 - 14:30 -
14:40 - 14:50 - 15:00 - 15:00 - 15:10 - 15:30 -
15:50 - 16:00 - 16:10 - 16:20 - 16:30 - 16:50 - 16:50 -
17:10 - 17:10 - 17:30 - 17:50 - 18:10 - 18:30 -
18:40 - 18:50 - 19:10 - 19:30 - 19:50 - 20:10 - 20:30 -
20:50 - 21:00 - 21:40 - 22:10 - 22:40

- Horários em **AZUL** via Praça Tiradentes.
- Horário em **VERMELHO** via Praça Tiradentes atendimento de segunda à quinta-feira.
- Horário em **ROSA** via Praça Tiradentes atendimento somente nas sextas-feiras.

Fonte: Consorcio Rota Real (2025)

TAQUARAL

Nossa linha aqui é boa. Ela liga a cidade. Mas eu não acho que é pensando no Taquaral, não. Ela funciona porque não tem outro lugar pra passar, aí ele passa e leva a gente.
A Dona Resiliência

Trajetória por onde passa o ônibus

Saída para Mariana

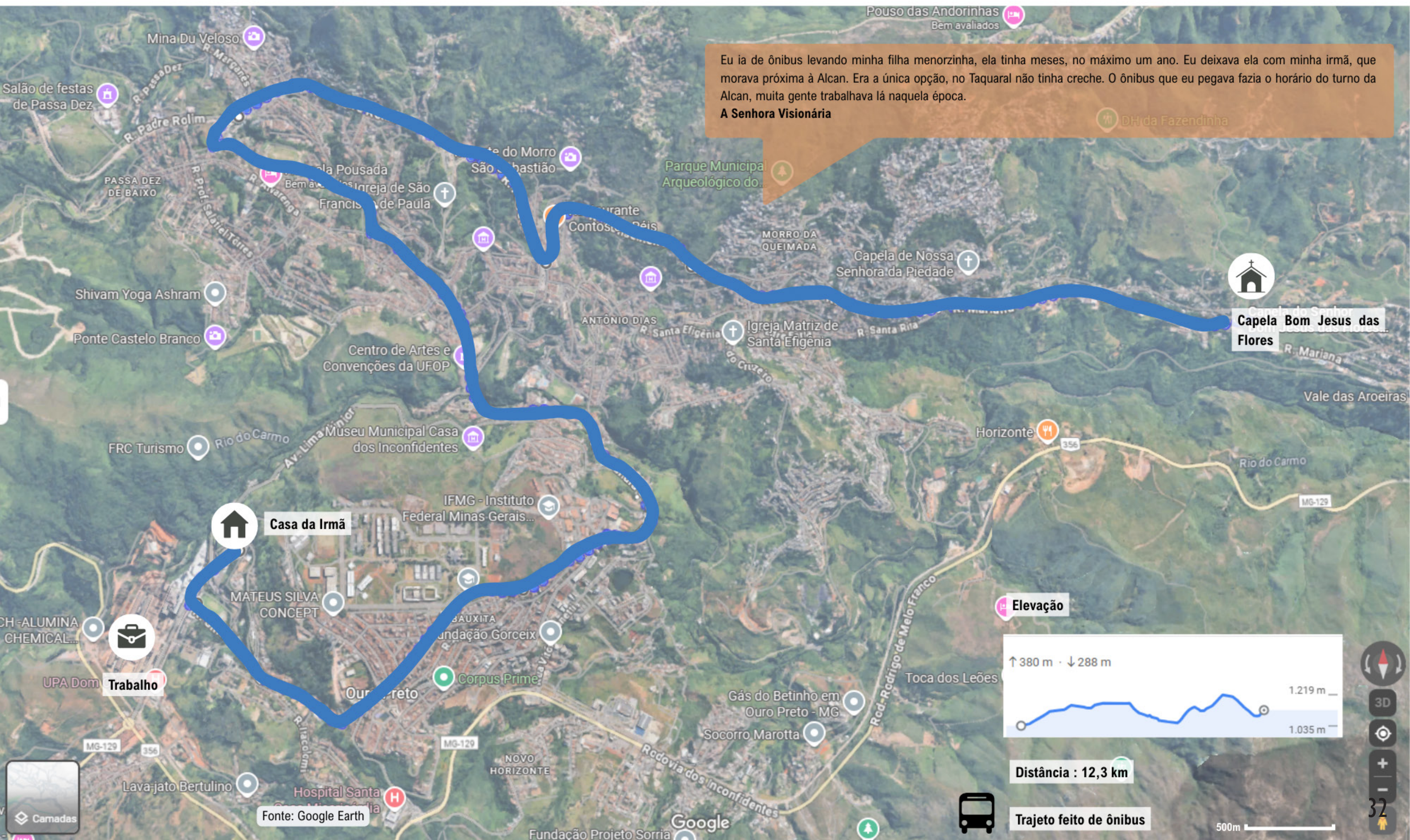
Ponto final

Ponto de ônibus

Meu deslocamento para o trabalho é de ônibus. Pelo menos uma coisa positiva do Taquaral é que a linha de ônibus funciona — menos quando tem evento ou alguma coisa assim.

A Senhora Visionária





Eu ia de ônibus levando minha filha menorzinha, ela tinha meses, no máximo um ano. Eu deixava ela com minha irmã, que morava próxima à Alcan. Era a única opção, no Taquaral não tinha creche. O ônibus que eu pegava fazia o horário do turno da Alcan, muita gente trabalhava lá naquela época.

A Senhora Visionária

DH da Fazendinha



Capela Bom Jesus das Flores

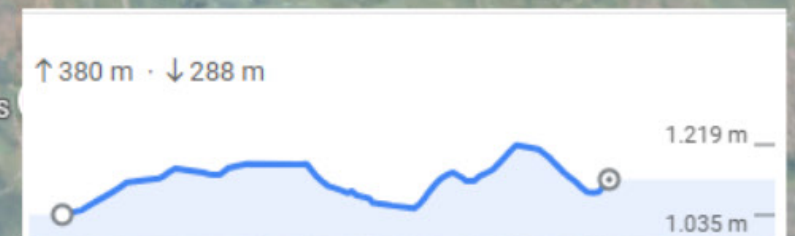


Casa da Irmã



Trabalho

Elevação



Distância : 12,3 km

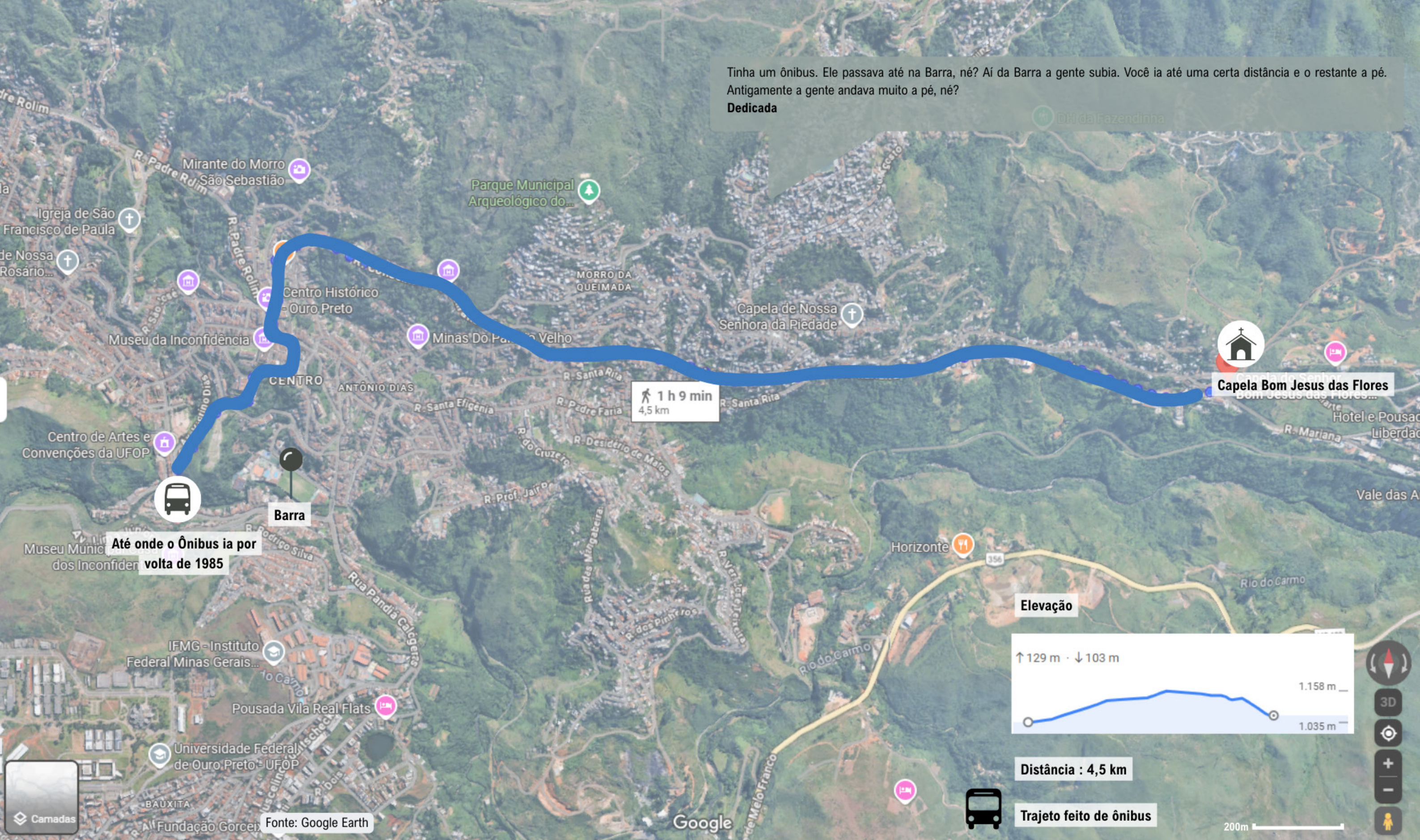
Trajeito feito de ônibus



500m



Tinha um ônibus. Ele passava até na Barra, né? Aí da Barra a gente subia. Você ia até uma certa distância e o restante a pé.
Antigamente a gente andava muito a pé, né?
Dedicada





Eles não se preocupam como os moradores vão chegar. Época de festa, carnaval.. a pé. Quem trabalha de noite, ne? Quem pega serviço cedo igual eu pegava de manhã pra ir trabalhar no hospital. Quando não tinha ônibus eu ia a pé até lá na Barra. Seis horas eu tinha que estar dentro da cozinha do hospital, olha pra você ver. Eu levantava quatro e pouca. Não tem muito tempo, agora que eu me afastei.

A Dona Resiliência

SERVIÇOS URBANOS

O Taquaral passou por muitas mudanças ao longo dos anos, mas ainda convive com desafios importantes. O calçamento de algumas ruas e a abertura de novas vias trouxeram melhorias, embora existam ainda hoje, em 2025, trechos que precisam ser melhorados. A chegada da água encanada foi um marco para o bairro, que antes dependia de fontes naturais e antigas mangueiras para o abastecimento.

A iluminação pública cobre boa parte das ruas, mas continua insuficiente em algumas áreas, gerando sensação de insegurança. O sistema de esgoto melhorou com a implantação de redes adequadas, porém nem todas as casas estão ligadas a esse serviço, o que ainda compromete a qualidade de vida. A coleta de lixo, que já foi um grande problema, hoje funciona de forma mais regular, embora alguns pontos ainda tenham falhas.

Apesar de todos os avanços, a oferta de serviços essenciais no Taquaral ainda carece de mais regularidade e qualidade para atender plenamente a população.

Figura 25: Ruínas do antigo pedágio entre Ouro Preto e Mariana



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal



O Taquaral sempre conviveu com a falta de equipamentos urbanos e isso aparece de forma clara nas entrevistas com as moradoras. Todas, em algum momento, falaram da ausência de um mercado ou comércio no bairro, assim como da falta de escolas, creches e postos de saúde. Essa carência de serviços básicos marca o dia a dia da comunidade desde a chegada das mulheres até os dias atuais.

Há muitos anos atrás, o bairro teve uma fábrica de tintas de uma grande empresa e também lanchonetes que atendiam os moradores. Dona Coragem fala sobre essas coisas que existiam no bairro. Ela conta que, antes mesmo de chegar ao bairro, na época da extração do ouro, existia um pedágio em frente à Igreja Bom Jesus das Flores, hoje em ruínas. Esse pedágio era um ponto de cobrança para quem subia a serra em direção a Ouro Preto, mostrando que o local já teve um movimento intenso e comércio ativo.

CALÇAMENTO

Quando a gente chegou já era só um trilhozinho. Não tinha casa nenhuma aqui. Porque fez o asfalto, aqui ficou só um trilhozinho, caminho de burro, ele saía lá na entrada da rua Santa Rita.

A Dona Coragem

ÁGUA ENCANADA

Água encanada? Coitada de nós. Nós tomava água que descia do córrego aí, mangueira. A gente nem sabia se era sujo ou limpo, mas só tinha ela. Deus sabe. Ia tomar o que? Chegava do trabalho tinha que pegar mangueira porque o cavalo arreventou... Isso o dia que alguém pegava mangueira, roubava mangueira. Quando chovia a água descia amarelinha amarelinha, tinha que esperar pra lavar roupa.

Dona Resiliência

ILUMINAÇÃO

Tinha nada não uai. Zé Leandro que colocou água e luz. Isso eu devo a ele.

Dona Resiliência

ESGOTO

Não tinha esgoto. Acho que era rego, né? Descia no rego. Ia descendo, por causa da fábrica das tintas parece que fizeram um negócio, aí ia descendo lá pra baixo. Por isso que a rua era toda suja. Mas também não tinha casa nenhuma. Nós somos os moradores mais antigos desse pedaço aqui.

Dona Resiliência

COLETA DE LIXO

Queimava, né? Antigamente queimava. Tinha um lixão na fazenda aí a prefeitura vinha e jogava lá. Antes tinha um lixão aqui, no tempo da fábrica, ali onde Ana Paula mora. Aí depois levou lá para a fazenda e depois para o outro lado do asfalto. Aí cozinava e era uma loucura de mosca. Era mosquito pra todo lado. Você ligava uma panela, elas chegavam. Tinha que fechar a casa toda.

Dona Resiliência

Tinha uma fábrica, sabe? Tinha uma fábrica de tinta aqui. Era movimentado por causa disso e por causa da igreja que é histórica e a fábrica de tinta. E lá em cima, sabe onde mora Sandra? Alguém te falou que tinha uma enorme caixa d'água? Enorme! Essa caixa não existe hoje, o pessoal fez casa lá dentro. Tem umas quatro casas lá dentro, aproveitaram a estrutura. Acho que debaixo da casa de Sandra ainda tem o muro onde descia os canos. A fábrica era chique demais, a gente ia lá visitar. Tinha os trabalhadores, tinha os negócios divididos onde fazia tinta. Tinha um cano enorme que descia da caixa.

Dona Resiliência

Figura 26: Estrutura e encanamento da antiga caixa d'água, que servia para lavar a tinta após as pinturas



Fonte: Acervo pessoal

Fábrica de Tintas

Engraçado, né? Olha pra você, aqui tinha umas casas velhas, aqui é cheio de muro. Deixaram tudo acabar. A festa do Bom Jesus era nove dias quando a gente mudou pra cá. Era movimentado, era coisa boa. Pessoal de dona Amélia ajudava, os Sampaio também. A festa enchia porque vinha gente de fora. Olha pra você vê, não tinha nem rua e nem nada aqui.

Dona Resiliência

O que tinha? (em relação a praça, escola, posto de saúde...) nada! e hoje? Nada! Pelo menos a gente tem que agradecer que agora tem ônibus, que pega aqui e vai onde a gente quiser, vai para Mariana, para Saramenha.

O que melhorou no bairro? Aí, acho que não aconteceu foi nada. Pracinha e esses trem não tem nada.

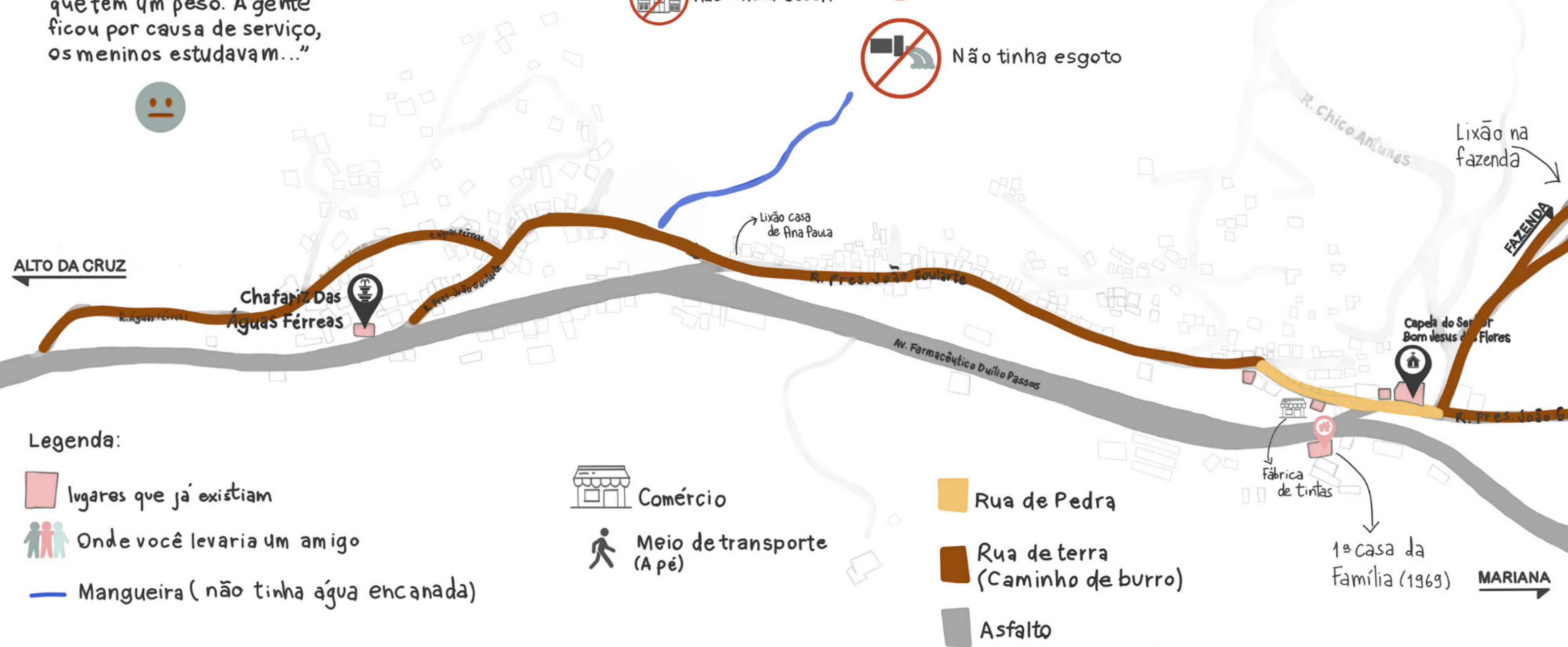
Dona Resiliência

1969

"Toda vida eu falei: Aqui parece que têm um peso. A gente ficou por causa de serviço, os meninos estudavam..."



- não levaria a lugar nenhum
- não tinha praça
- não tinha escola
- Não tinha iluminação pública
- Não tinha coleta de lixo
- Não tinha esgoto



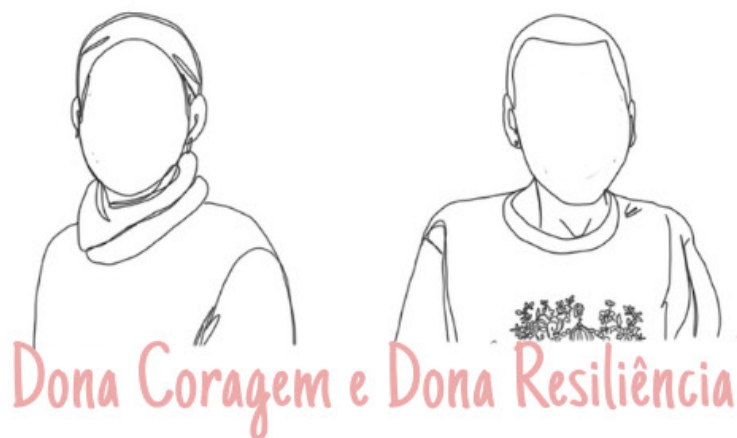
Legenda:

- lugares que já existiam
- Onde você levaria um amigo
- Mangueira (não tinha água encanada)

- Comércio
- Meio de transporte (A pé)

- Rua de Pedra
- Rua de terra (Caminho de burro)
- Asfalto

MEU TAQUARAL



CALÇAMENTO

Era pedra. A rua era aquelas pedras do tempo dos escravos, aquelas pedras que a gente escorrega, sabe? É, aí eu lembro essa parte que subi, né? Tudo era.

Dedicada

ÁGUA ENCANADA ESGOTO

Tinha não. Nem água, nem esgoto. Não tinha nada. Não tinha... Fazia as coisas no mato, entendeu? A água era de mangueira. A gente tinha que sair e arrumar.

Dedicada

ILUMINAÇÃO

Não tinha luz. Quando eu cheguei aqui, era lamparina ainda.

Dedicada

COLETA DE LIXO

Ah, nem sei o que fazia. Mas acho que a gente jogava pelos terrenos baldios mesmo.

Dedicada

Ah, porque aqui eu nunca gostei daqui. Porque não tem nada, tudo que você precisa, você tem que ir longe buscar. O bairro não cresce, não evolui. Então, ao invés de andar pra frente, só anda pra trás. O comércio continua igual, não tem nada. A única coisa que tem é o gás. Teve uns comércios que foram abrindo e fechando. Ah, não foi longe, né?

Dedicada

Figura 27: Antigo calçamento na rua próxima a igreja



Fonte: Foto cedida pela Dedicada



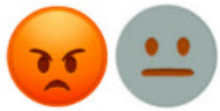
Não tinha comércio. Só o KM4. Creche, escola, posto de saúde... no bairro não tem até hoje. Até hoje não tem, imagina antes.


Dedicada

KM4 era um motel nas margens da rodovia

1975


"Não gosto do taquaral. Nunca gostei porque não tem nada, tudo o que você precisa tem que ir longe buscar. Não cresce. Não anda para frente, só anda para trás."





 não levaria a
lugar nenhum

 não tinha praça


 não tinha escola

 Não tinha iluminação pública
(Era lamparina)

 Não tinha coleta de lixo

 Não tinha esgoto

Legenda:


 lugares que já existiam

 Onde você levaria um amigo

— Mangueira (não tinha água encanada)




Comércio

 Meio de transporte
(A pé)



Ônibus

 Rua de Pedra

 Rua de terra
(Caminho de burro)

Asfalto

1ª casa da
Família (1975)

MARIANA

MEU
TAQUARAL



Família em 1975

CALÇAMENTO

O calçamento era umas pedras enormes, sabe? bonito mesmo. A estrada para Mariana tinha calçamento. tinha muita flor plantada assim dos lados, era muito bonito. Não tinha passeio, era inclinada fazendo um V para água escorrer. bueiro e essas coisas não tinha. Era muita pedra, o pessoal levou as pedras. Foi Ângelo Oswaldo que fez o calçamento. Quem fez a rede de esgoto, fluvial aqui foi Wilson Milagres. Foi um serviço difícil por causa das cangas. Ele acompanhou o serviço todinho. Nessa época as pedras foram embora.

Dona Inabalável

ÁGUA ENCANADA

Essa água de mangueira descia lá do Morro São João. iih! Era um tal de rebentar a mangueira. Cavalo pisando em mangueira, outras pessoas pegando. Até que depois ele arrumou a mina aqui, porque ela tava cansado...

Dona Inabalável

ILUMINAÇÃO

Iluminação tinha sim, nem era CEMIG. Era Companhia Oupretana, depois que entrou a CEMIG. Tinha iluminação, mas aquela luz, sabe? fraquinha. Bem precária. A iluminação trocou também no mandato de Wilson Milagres.

Dona Inabalável

ESGOTO

Esgoto descia e jogava lá no córrego perto da linha (Ribeirão do Carmo). Quando a gente chegou já tinha. Chico Alvim que fez. Às vezes nem chegava no córrego, ia no terreno mesmo.

Dona Inabalável

COLETA DE LIXO

Coleta de lixo não tinha. Tinha um lixão lá em cima, ali pra cima, onde tem essas casas mais novas, onde tiraram o pessoal na área de risco lá. Tinha as moscas do lixão, mas era do outro lado do asfalto. Nossa Senhora, Na hora que você ligava a panela...

Dona Inabalável

Comércio? não tem. Não tinha e continua não tendo. O que tem não é voltado para o bairro, só o gás. Escola, creche, posto de saúde.. nada. Agora tá funcionando tipo um posto de saúde aqui na pastoral, é Dom Barroso agora, ne? Vem médico, vem farmácia popular, vacina, sabe? Não é direto, eles vem. Tem que marcar e esperar o médico. Emergência aí é na UPA. Eles falaram que iam fazer um posto de saúde, mas até hoje não fizeram.

Dona Inabalável

Se alguém viesse me visitar eu levaria na Igreja. Porque lá é muito lindo, ne? Nossa Mãe! Muito linda, a pintura foi toda restaurada e é o que tem.

Dona Inabalável

Antiga Pastoral. Atual Fundação Dom Barroso

Antigo KM4/Sunny Day

O motel fechou. Foi o km4 e depois o Sunny Day. A casa de show que tinha era uma baixaria, ne? Era triste aquilo dali, as moças ficavam sem roupa no asfalto. Elas ficavam peladas naquele ponto de madeira onde tinha um pé de goiaba. Muito triste, dei graças a Deus quando acabou esse trem. Só coisa ruim que vem pra cá, nada de mandar uma coisa boa.

Dona Inabalável

1990


"Eu gosto muito daqui, aqui é tranquilo.
o que eu acho difícil para uma pessoa igual a mim,
de idade, que não dirige, nem nada... o difícil é só isso:
A locomoção. Aqui não tem nada. Eu já pensei em sair
daqui por isso."




 não tinha UBS

 não tinha praça

 não tinha escola

 iluminação pública precária
(companhia Ouropretana)

 Não tinha coleta de lixo


 Não tinha esgoto

Legenda:

■ lugares que já existiam

 Onde você levaria um amigo

— Mangueira (não tinha água encanada)

 Água de Mina



Comércio

Meios de transporte:

 Carro



Ônibus

 Rua de Pedra

Rua de terra

Asfalto

MEU
TAQUARAL



Dona Inabalável



Família em 1990

CALÇAMENTO

As ruas eram de terra. O caminho que vai para a fazenda até hoje é de terra, né? O calçamento chegou ao bairro no primeiro mandato de Ângelo Oswaldo. O asfalto (rodovia que vai para Mariana) tem desde antes de eu mudar. Hoje em dia na frente da minha casa tem calçamento, não permitiram colocar asfalto por causa da igreja, mas o resto do bairro agora é asfaltado.

Senhora Visionária

ÁGUA ENCANADA

Não tinha, era mangueira. A gente chegava do trabalho cansado e tinha que acompanhar a mangueira. A mangueira vinha do alto desse morro aqui. Tinha que subir pelo meio do mato mesmo, seguir e começar a pegar o caminho da mangueira. Nesse caminho, tinha que levar pedaços de mangueira porque o pessoal roubava. Tinha que levar mangueira e isqueiro, porque precisava remendar. As casas aqui embaixo faziam o mesmo caminho com a mangueira, menos duas vizinhas que tinham água de mina. Quando chovia, a água saía toda amarelada. Outra hora, era cavalo que pisava na mangueira

Senhora Visionária

ILUMINAÇÃO

Isso tinha. Tinha até um poste na frente da nossa casa.

Senhora Visionária

ESGOTO

Com o calçamento, veio a rede de esgoto. A água também. A água e o esgoto vieram com o calçamento. Mas o esgoto não corria a céu aberto, não. Não lembro como era. Era uma rede velha, eles tiveram que refazer a rede (bom, pelo menos na nossa parte aqui).

Senhora Visionária

COLETA DE LIXO

Pois é... Que eu me lembre, tinha um lixão do outro lado do asfalto. A gente cozinhando e umas moscas enormes chegando. Agora, coleta... eu acho que era uma vez por semana. Era uma coleta precária, não era diária.

Senhora Visionária

Comércio? Nunca existiu. Tinha boteco. Ahh, perto da minha casa tinha uma vendinha. Tinha aquela lanchonete no asfalto, né? Mas estava mais para bar. Tinha o Chifrudo, continua até hoje. Tinha uma mini mercearia, muito pequenininha.

Senhora Visionária

Não tinha e não tem posto de saúde, escola, pracinha...

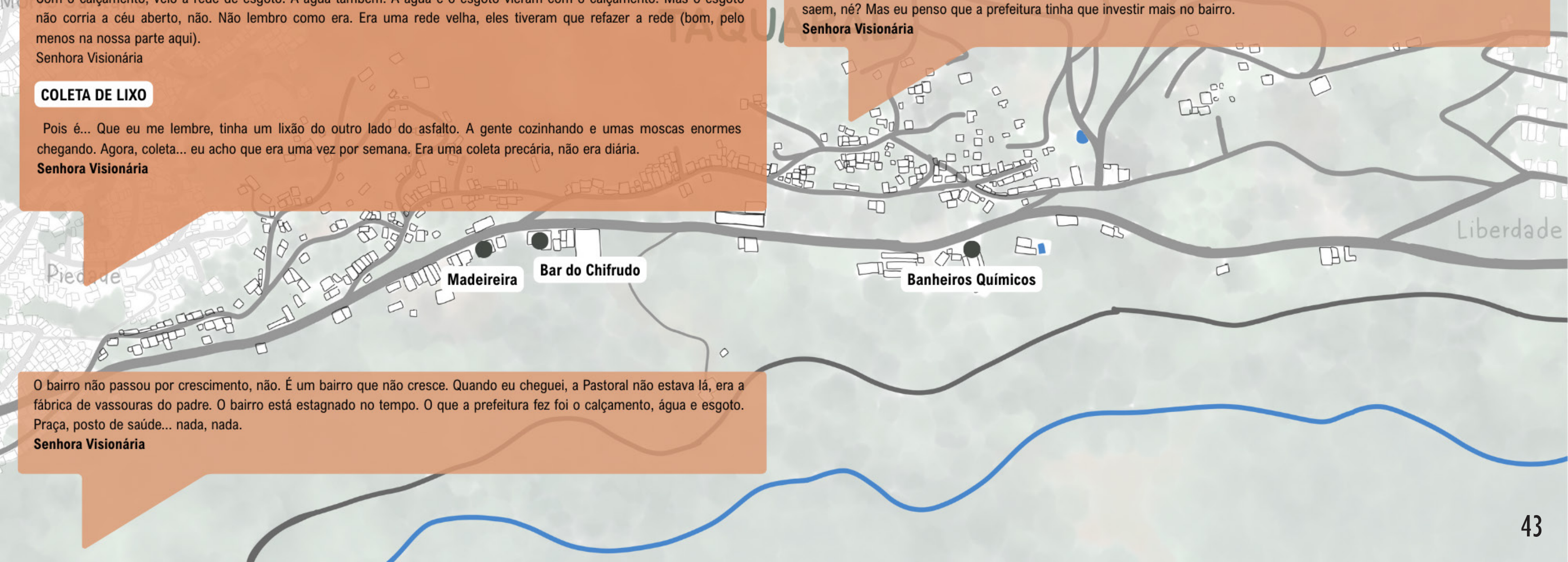
Senhora Visionária

O bairro não evoluiu. É um bairro bom, mas não evoluiu.

Senhora Visionária

Em relação ao comércio atualmente? Pior do que antes (risos). Continuou o "chifrudo", chegou a madeira, tem aquele banheiro químico fedido lá... Os comércios aqui são mais para fora do bairro. Esse banheiro químico não agrega nada para o bairro. Mercearia aqui não vai para frente porque o povo comprava fiado e não pagava. Sobre a igreja, agora as missas são regulares. Antes, só funcionava na época das procissões. Isso porque a igreja é tombada. O Taquaral não mudou. Pensar nisso me deixa ainda mais triste. É um bairro meio familiar, os filhos vão crescendo e continuam morando por aqui. Alguns saem, né? Mas eu penso que a prefeitura tinha que investir mais no bairro.

Senhora Visionária



O bairro não passou por crescimento, não. É um bairro que não cresce. Quando eu cheguei, a Pastoral não estava lá, era a fábrica de vassouras do padre. O bairro está estagnado no tempo. O que a prefeitura fez foi o calçamento, água e esgoto. Praça, posto de saúde... nada, nada.

Senhora Visionária

1994

“Eu fico triste porque o bairro poderia ter evoluído mais, né? Eu cheguei em 94 e até hoje, tirando água e esgoto... Nada. Não tem escola, não tem posto de saúde, lugar para prática de esporte, nada... Acaba que eu fico é triste.”



não tinha UBS



não tinha praça



não tinha escola



tinha iluminação pública



coleta de lixo precária



esgoto precário



“Eu gosto da vizinhança. É um bairro bom, tem boas pessoas.”

“O bairro, principalmente o alto Taquaral, apresenta problemas (em relação às chuvas). Acho que isso acaba impedindo de chegar investimento aqui.”

ALTO DA CRUZ

Chafariz Das
Águas Férreas

R. Pres. João Goularte

R. Pres. João Goularte

Av. Farmacêutico Duílio Passos

lagoa do Sampaio

FAZENDA

Capela do Senhor
Bom Jesus das Flores

R. Pres. João G

MARIANA

Legenda:

- lugares que já existiam
- Onde você levaria um amigo
- Mangueira (não tinha água encanada)



Comércio

- Bar / Merceria
- Bar
- Bar / Lanchonete



Meio de transporte
(A pé)



Meio de transporte
(Bicicleta)



Meio de transporte
(Ônibus)



Rua de terra



Asfalto

MEU TAQUARAL



Senhora Visionária



Família em 1994

REMOÇÕES

No Taquaral, o risco de deslizamentos de terra e a ameaça de remoções de moradores não são questões recentes. Nos relatos das entrevistadas, há lembranças de ocorrências anteriores a 1994, revelando que a instabilidade do solo e suas consequências acompanham o bairro há décadas. Ao longo dos anos, o poder público tem promovido remoções forçadas, muitas vezes de forma abrupta, sem oferecer compensações justas ou alternativas habitacionais adequadas. Essas ações deixam famílias em situação de vulnerabilidade, sem uma solução definitiva para o problema da moradia. Para quem é afetado, a remoção representa mais do que a perda física da casa: é também o rompimento de vínculos históricos e afetivos com um território construído e vivido por gerações, parte essencial da identidade coletiva do bairro.

Nessas épocas de chuva, o bairro apresenta muitos problemas ali no Alto Taquaral, acho que isso atrapalha a chegada de investimento.

A Senhora Visionária

Morro Santana

TAQUARAL

Piedade

Região onde a irmã da Senhora Visionária morava

Pois é, as pessoas vem da roça igual a gente veio e ai constroi nesses lugares.

A Dona Coragem

Dá um medo do bairro ficar ainda mais abandonado com o pessoal saindo lá em cima, ne? Muita gente indo embora.

A Dona Inabalável

O problema do Taquaral com chuva não é recente. O terreno da casa dela ali já teve umas três casas, as três casas caíram. A casa dela foi abrindo trinca de fora a fora. A prefeitura não ajudou com nada.

A Dona Coragem

Figura 28: Remoção de famílias no bairro Taquaral, Ouro Preto (2022)

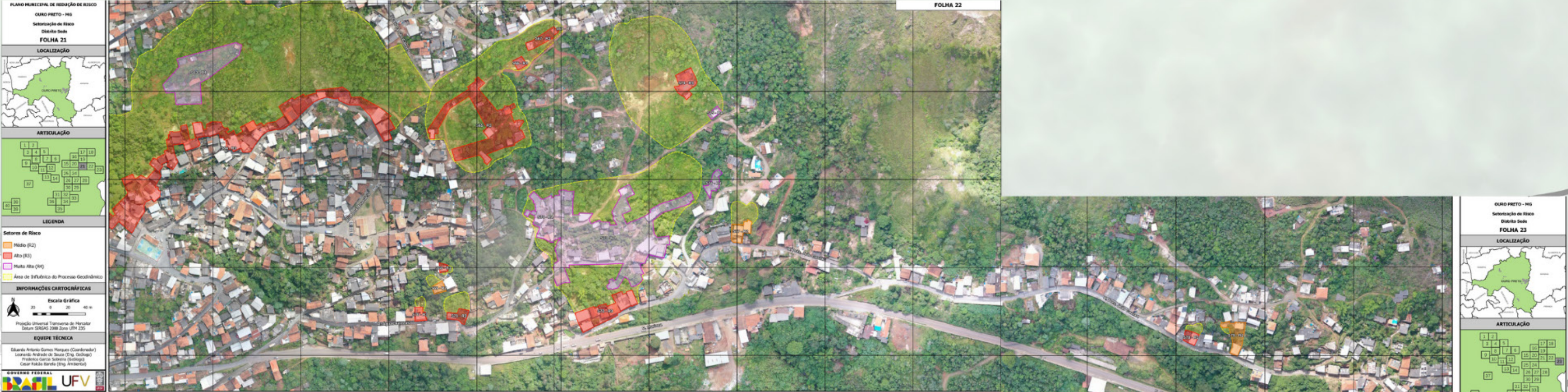


Fonte: ESTADO DE MINAS (2022)

Minha irmã morava no Alto Taquaral. Ela perdeu a casa dela. No período de chuva, a casa trincou toda. Nem existe mais, foi demolida. Foi bem antes de 94. Os cômodos da casa dela trincaram. A prefeitura não ajudou com nada, ela simplesmente pegou os meninos e saiu. A casa era própria. Ela construiu. Antes, morava de aluguel, aí comprou um terreno lá e construiu, mas a casa caiu. O terreno lá não era apropriado para construir, não era e continua não sendo, né? Tanto que agora tiraram as pessoas de lá.

A Senhora Visionária

Figura 29: Mapa dos setores de risco no Taquaral



Fonte: Plano Municipal de Redução de Risco de Ouro Preto – PMRR: Caderno de Mapas dos Setores de Risco. Viçosa: [s.n.].

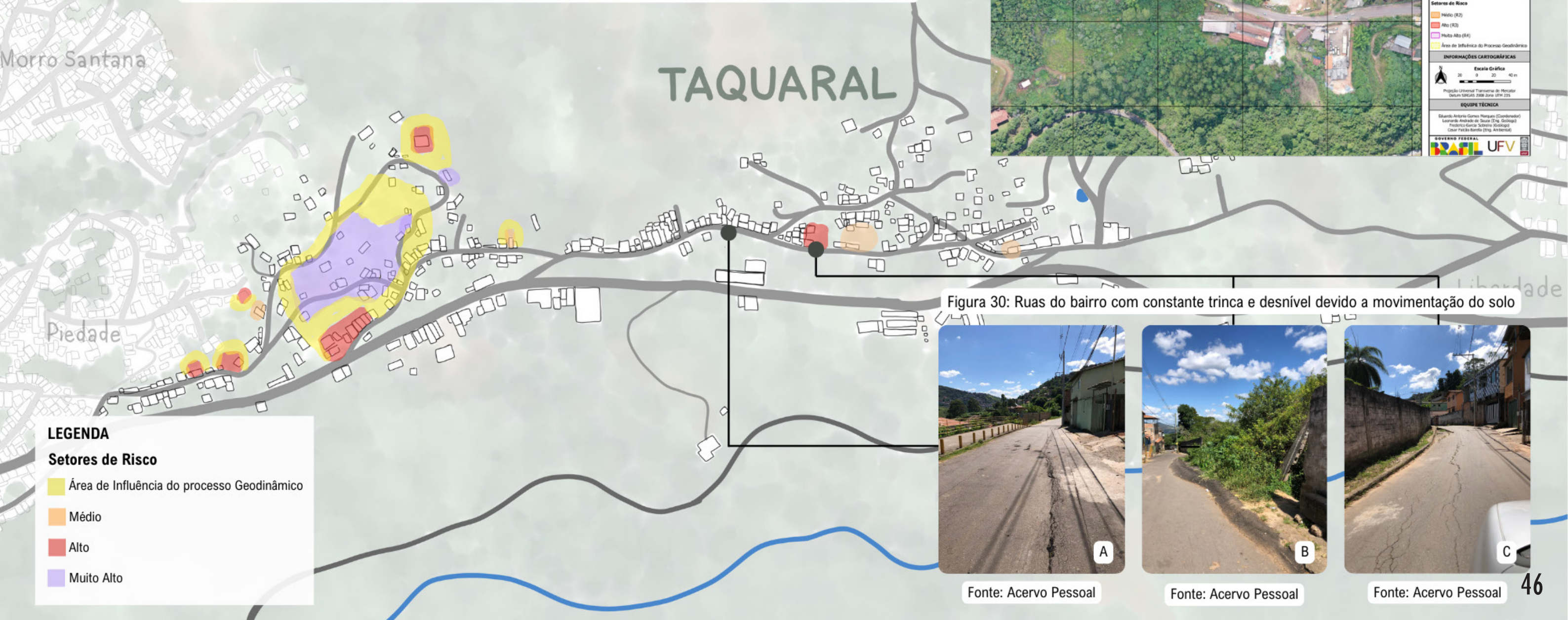


Figura 30: Ruas do bairro com constante trinca e desnível devido a movimentação do solo



Fonte: Acervo Pessoal

Fonte: Acervo Pessoal

Fonte: Acervo Pessoal

07

CAMADAS QUE SE REPETEM

Histórias e lendas: as histórias que a História não conta

O Taquaral, assim como muitos outros bairros periféricos, guarda histórias que não aparecem nos livros nem nos registros oficiais da cidade. São memórias que sobrevivem na fala das moradoras, em lendas e em relatos passados de geração em geração.

Conceição Evaristo (2008) chama atenção para isso quando fala de escrevivências: histórias contadas a partir da vida real das pessoas negras, das mulheres e dos trabalhadores, que se tornam uma forma de conhecimento e também de resistência. São narrativas que não falam só do “eu”, mas que carregam a experiência coletiva de uma comunidade inteira. Nesse sentido, as memórias do Taquaral não contam apenas sobre cada mulher em particular, mas ajudam a contar a própria trajetória do bairro, com suas dores, conquistas e formas de luta.

Ao pensar nas histórias do bairro, não é possível separar o que está escrito nos documentos oficiais daquilo que é contado pelas moradoras, nos causos, nas memórias e até nas lendas que circulam pelo bairro. Como sugere a arquiteta e urbanista Gabriela Leandro Pereira (2021), refletir sobre a cidade a partir das perspectivas da diáspora africana, ou seja, dos saberes e experiências transmitidos por comunidades negras que se espalharam pelo mundo após a escravização, significa reconhecer que a produção do espaço não está apenas nos arquivos ou nas narrativas institucionais, mas também nas histórias orais, nos quintais, nas práticas cotidianas e nos sentidos que as pessoas atribuem ao lugar em que vivem. Essas narrativas, muitas vezes desconsideradas pela “história oficial”, são também formas de conhecimento e carregam verdades sobre o cotidiano, as relações e a luta pela sobrevivência. A história de um local precisa ser contada não apenas pelos registros formais, mas também pelas vozes de quem o habita, pessoas que guardam e compartilham memórias fundamentais para compreender o bairro em sua complexidade.

Natureza: a terra que dá e a terra que quer

O Taquaral, mesmo não fazendo parte de uma zona rural, guarda uma relação muito próxima com a natureza. Quem vive no bairro sabe que a presença da água, dos animais e das hortas faz parte do dia a dia. Essa relação não é apenas questão de sobrevivência, mas também um jeito de viver e de se relacionar com o mundo.

O pensador Antônio Bispo, Nego Bispo, (2019) lembra que “a terra dá e a terra quer”. Isso significa que a natureza não é só recurso a ser explorado, mas algo que pede cuidado, troca e respeito. No Taquaral, isso se revela quando as famílias cuidam dos quintais, das hortas e dos animais, mantendo práticas que vêm de uma vida mais rural. Essas práticas mostram que o bairro não se separa da terra, mas vive em relação de dependência e afeto com ela.

O geógrafo Milton Santos (1979) também ajuda a entender esse ponto ao mostrar que o Brasil tem um jeito próprio de ser, marcado pela mistura entre o rural e o urbano. No Taquaral, essa mistura é evidente: o bairro tem casas, ruas e ônibus, mas também vacas, galinhas, cavalos e hortas que continuam abastecendo as famílias. Isso revela que o bairro não pode ser visto apenas como periferia urbana, mas também como um espaço onde práticas rurais permanecem vivas e dão forma ao cotidiano. Assim, a natureza no Taquaral não é pano de fundo. Ela é parte fundamental da vida do bairro, que resiste e se reinventa a partir da força da terra, da água e do trabalho de quem a cuida.

Autoconstrução: Casas que crescem junto com a vida

No Taquaral, a maior parte das casas foi construída pelas próprias famílias, em um processo de autoconstrução que acompanha o ritmo da vida. Quando nasce um filho, surge um novo quarto. Quando a família consegue comprar um carro, um cômodo é transformado em garagem. Tudo acontece aos poucos, muitas vezes de forma improvisada, mas sempre com a força do trabalho de quem mora.

Essa forma de construir não é exclusividade do Taquaral. Como lembra Ermínia Maricato (2013), boa parte das cidades brasileiras foi erguida assim, com trabalhadores produzindo seus próprios lugares de morar, quase sempre sem apoio do Estado. A ausência de políticas habitacionais adequadas faz com que os bairros periféricos se transformem em territórios de invenção, onde cada parede levantada conta uma história de luta pela permanência.

A arquiteta e pesquisadora Joice Berth (2023), no livro *Se a cidade fosse nossa*, reforça que falar de autoconstrução é também falar de mobilidade, de saneamento, de acesso a serviços. Ou seja, não basta pensar nas casas em si, mas em tudo o que envolve a vida cotidiana nesses territórios. No Taquaral, a criatividade das famílias em ampliar e adaptar suas casas convive com a precariedade dos serviços urbanos, revelando tanto a potência de quem constrói quanto a desigualdade que marca a cidade.

Assim, as casas que crescem junto com a vida são, ao mesmo tempo, abrigo e símbolo de resistência. Elas mostram como o bairro se reinventa com os recursos disponíveis, criando um espaço único, moldado pelas necessidades e esperanças de seus moradores.

Figura 31: “Placa de obra”



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Serviços urbanos: o cotidiano que falta

Se antes falamos das casas que as famílias levantaram com as próprias mãos, agora é importante olhar para aquilo que não depende só da força do morador: os serviços básicos que deveriam acompanhar o crescimento do bairro, mas que nunca chegaram de forma adequada.

No Taquaral, a ausência de escola, creche, posto de saúde e comércio estruturado aparece de forma recorrente nas falas das mulheres. Esses espaços fazem falta não apenas por comodidade, mas porque moldam o cotidiano: definem como as crianças estudam, como as famílias cuidam da saúde, como se organizam as compras de alimentos ou de produtos básicos. A ausência desses serviços significa mais deslocamento, mais gasto de tempo e dinheiro, mais esforço de quem já enfrenta tantas dificuldades.

Ermínia Maricato (2013) ressalta que os bairros periféricos carregam uma marca histórica de precariedade urbana, consequência direta do planejamento excludente e das políticas públicas que beneficiam apenas determinados grupos — enquanto outras comunidades, como o Taquaral, são negligenciadas. Já Joice Berth (2023), em *Se a cidade fosse nossa*, amplia essa reflexão ao afirmar que pensar a cidade significa também considerar os serviços que garantem a vida cotidiana. Não basta haver moradias; é indispensável que existam condições dignas para que as pessoas possam realmente viver nelas. No Taquaral, as ruas e as casas mostram a força criativa de quem construiu com o que tinha. Mas a ausência de serviços urbanos revela o outro lado da mesma história: uma cidade que não chega por inteiro à periferia, deixando lacunas que são preenchidas pela solidariedade e pela resistência da própria comunidade.

Remoção e inseguranças

As falas das mulheres do Taquaral mostram que o risco não é visto apenas como consequência das chuvas ou das encostas instáveis. O medo dos deslizamentos convive com outro receio: o de que o bairro fique ainda mais isolado caso as remoções se intensifiquem. Essa experiência revela que o risco não é apenas ambiental, mas também social. Quando a resposta do poder público se resume a retirar famílias sem oferecer alternativas de moradia digna, muitas vezes em áreas distantes do local de origem, o resultado é a perda de laços comunitários, o enfraquecimento da vida coletiva e a sensação de abandono.

Essa realidade não é exclusiva de Ouro Preto. Como lembra Frederico Sobreira (1989), desastres semelhantes atingiram outras cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, em 1966 e 1988, chuvas fortes provocaram deslizamentos em áreas de favela, deixando centenas de mortos e levando à remoção forçada de comunidades inteiras. Em Belo Horizonte, enchentes e deslizamentos em 1978 e 1983 também tiveram como principal consequência a retirada de famílias pobres de vilas e favelas. Esses exemplos mostram que o padrão se repete: são sempre os bairros periféricos os primeiros a sofrer com chuvas, deslizamentos e remoções.

No Taquaral, a preocupação das mulheres entrevistadas ecoa essa história mais ampla. Elas temem não só a perda de suas casas, mas também de suas memórias e da rede de apoio que sustenta a vida no bairro. Assim, as remoções revelam uma lógica que atravessa diferentes cidades: em vez de políticas de habitação e prevenção, a resposta é a expulsão dos mais vulneráveis, reforçando desigualdades e isolando ainda mais as periferias.

08

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho, pensei que iria registrar apenas as faltas do Taquaral. Achei que conhecia bem meu bairro — afinal, cresci ali, desde bebê. Mas, à medida que me aprofundei e ouvi as mulheres em cada entrevista, um novo Taquaral foi se abrindo diante de mim. Muito além das perguntas que preparei, as falas delas foram mais fundo, mostrando histórias e preciosidades que eu nunca tinha percebido.

No começo do texto falei das camadas das árvores e da terra, que guardam em si a memória do tempo. Hoje entendo que o bairro também é feito dessas camadas. As narrativas das moradoras remontam um Taquaral rico em histórias, cheio de vida. Ao mesmo tempo, revelam de forma clara as marcas da desigualdade estrutural: não se trata apenas de ver uma rua sem calçamento, a ausência de escola ou de posto de saúde. É perceber como essas ausências moldam a vida de cada família, aumentando o esforço diário e reforçando a sensação de que o bairro foi deixado de lado.

Ainda assim, o Taquaral vive mesmo com as faltas. E é justamente a partir dessas ausências que surgem os laços de vizinhança, as redes de solidariedade e as formas de resistência. Enquanto escrevia minha própria história e ouvia as histórias das mulheres, fui entendendo que o Taquaral não se resume à precariedade. O bairro é também acolhimento, porque ali as pessoas têm umas às outras. Esse trabalho acabou sendo, para mim, um modo de fazer as pazes com o bairro: olhar para ele com sinceridade, sem ingenuidade, mas também sem perder de vista sua potência.

Não quero romantizar nem ignorar os problemas sérios, como o risco geológico e as remoções que ameaçam a permanência das famílias. Mas acredito que meu trabalho oferece um novo olhar: se já está claro o que falta no Taquaral, espero que aqui também ganhe relevância o que existe de mais forte no bairro: sua comunidade, sua história e sua capacidade de resistência.

Para o futuro, desejo que os moradores tenham acesso ao que sempre lhes foi negado: que haja escola e creche perto de casa, um posto de saúde acessível, uma pracinha para o lazer das crianças, comércios que deem conta das necessidades da comunidade. Que os investimentos cheguem e reconheçam a importância de um bairro que sempre foi parte fundamental da cidade. Que o Taquaral seja grande como merece ser, que seja o reflexo de sua gente forte e trabalhadora, com a mesma importância do tamanho de sua história.

Esta pesquisa não traz todas as respostas, nem poderia. O que faço aqui é acrescentar mais uma camada a essa trajetória, com o olhar de quem nasceu e cresceu no bairro e hoje escreve também a partir da universidade. Foi a partir desse lugar que tentei construir uma narrativa sensível, mas também crítica, que não se limita às faltas, mas busca revelar a força das mulheres e das redes que sustentam o Taquaral. Minha esperança é que este trabalho seja ponte: que faça ir mais longe as vozes que me confiaram suas histórias, que alcance outros públicos e ajude a ampliar o reconhecimento de um bairro que merece atenção, cuidado e reconhecimento.

09

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismos e opressões nas cidades**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

BISPO, Antônio (Nego Bispo). **A terra dá, a terra quer**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BRASIL. Decreto nº 25.971, de 20 de abril de 1938. **Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto**. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Revista Obutchénie, v. 3, n. 2, p. 75-85, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2008.

GODINHO, Josiane. **O percurso cartográfico na pesquisa qualitativa**. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUCRS, 12., 2021, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: PUCRS, 2021.

HPIP – Heritage of Portuguese Influence/Patrimônio de Influência Portuguesa. **Capela do Bom Jesus das Flores (Capela do Taquaral)**. [S.l.]: HPIP, 2025. Disponível em: <https://hPIP.org/pt/Heritage/Details/814>. Acesso em: 25 jun. 2025.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica: formação e desenvolvimento: residências**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

SOBREIRA, Frederico G. **Risco na serra de Ouro Preto**. Ouro Preto, 1989.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lillian (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

LOURENÇO, Natália Conceição da Silva. **Chafariz das Águas Férreas: análise histórica, estilística, técnica e estado de conservação**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lillian Rodrigues (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 25-42.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Leandro Duque de; SOBREIRA, Frederico Garcia. **Crescimento urbano de Ouro Preto-MG entre 1950 e 2004 e atuais tendências**. Revista Brasileira de Cartografia, Rio de Janeiro, n. 870, p. 867-876, jul./ago. 2015.

PREFEITURA DE OURO PRETO. **Chafariz das Águas Férreas**. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/1216>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

UNESCO. **Centro Histórico de Ouro Preto. Patrimônio Mundial**. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/124>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Partilhas afrodiáspóricas sobre arquitetura, urbanismo e racialidade**. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Fevereiro 2021, pp. 37-47. arquitetura, urbanismo e racialidade. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

VISIONÁRIA. Entrevista concedida a Samara Luísa Ribeiro. Ouro Preto, 11 de set. 2024.
Entrevista pessoal.

RESILIÊNCIA. Entrevista concedida a Samara Luísa Ribeiro. Ouro Preto, 18 de set. 2024.
Entrevista pessoal.

CORAGEM. Entrevista concedida a Samara Luísa Ribeiro. Ouro Preto, 18 de set. 2024. Entrevista
pessoal.

DEDICADA. Entrevista concedida a Samara Luísa Ribeiro. Ouro Preto, 17 de set. 2024. Entrevista
pessoal.

INABALÁVEL. Entrevista concedida a Samara Luísa Ribeiro. Ouro Preto, 11 de set. 2024.
Entrevista pessoal.

